

ANNO 1º

20 de Agosto de 1897

NUMERO 4.

REVISTA MODERNA

Publicação Quinzenal Illustrada

Director M. Botelho.



Redacção e Administração

48 Rue de Laborde

Paris

DISTRIBUIMOS COM ESTE NOSSO 4º NUMERO UM SUPPLEMENTO MUSICAL : Serenada de Cherubim de G. PEIFFER, QUE OS NOSSOS LEITORES DEVEM RECLAMAR.

Devido ás grandes despesas que a *Revista Moderna* é forçada a saldar mensalmente, pedimos a todos os nossos assignantes o obsequio de pagarem as suas assignaturas no acto da subscrição.

Rogamos tambem os nossos assignantes que, por um desvio do correio, não recebam a *Revista* a reclamem aos nossos agentes, nos respectidos Estados.

Aos nossos leitores,

A REVISTA MODERNA, fundada com capitães próprios e realizados, impoz-se o dever de crear um novo typo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artistica do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e illustrada sobre tudo o que, actualmente, interessa o espirito publico.

A realisação d'este pequeno, mas difficil, programma exigia, antes de tudo, uma collaboraço emminantemente superior e a influencia de grandes espiritos criticos que, permanentemente, orientassem a sua perfeita e completa execuço.

Julgamos poder dizer aos nossos leitores que, com felicidade, encontramos a soluço d'este problema, dando á nossa REVISTA a valiosa collaboraço de **EÇA DE QUEIROZ** cuja authoridade é indiscutivel em todo o mundo culto de Brazil e Portugal.

Em torno d'esse grande nome a REVISTA MODERNA conseguiu, ainda, reunir um grupo de redactores escolhidos, d'entre os mais notaveis da nossa litteratura, os quaes, especializando-se nas diversas secçoes do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjuncto.

AS QUESTÕES POLITICAS SERÃO RIGOROSAMENTE BANIDAS DO NOSSO PROGRAMMA, E A LUCTA DE PARTIDOS NÃO ENCONTRARÁ O MENOR ECHO, NAS NOSSAS COLUMNAS.

O lado material que tão justamente impressiona o espirito publico e que tanto agrada aos amadores de publicações artisticas e bem feitas, incumbe aos ultimos e aperfeiçoados processos da typographia e da gravura.

A variedade da nossa illustraço, acompanhando sempre a actualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execuço impeccavel da mesma, será o objecto da nossa constante attenço.

Esperamos assim, poder fazer uma revista verdadeiramente moderna, um completo **magazine** pela variedade dos assumptos e uma **illustraço** de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos.

Iniciando uma publicação d'este genero, não ignoramos as difficuldades e as decepçoes que nos podem acolher; mas, sinceramente declaramos que tudo faremos para sobrepujal-as e esta somma de sacrificios feitos e aquelles que seremos forçados de fazer os dedicamos ao Publico, em cujas mãos collocamos o successo da nossa REVISTA.

A imprensa Portuguesa e Brasileira, sempre justa ás ideias boas e sinceras, estamos certos, dará á nossa publicação o lugar que lhe compete.

A DIRECÇÃO.

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na *Revista Moderna*, incumbe ao seu respectivo autor.

A REVISTA MODERNA acaba de obter do imminente escriptor **EÇA DE QUEIROZ**, o direito de publicação de um grande romance inedito :

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PADRE AMARO, dos MAIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

Muito brevemente pois, a REVISTA MODERNA começará a publicação — com numerosas e ricas illustrações — do grande romance :

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

POR

EÇA DE QUEIROZ

CHRONICA

Na praia

N'UMA praia da Normandia, ao entardecer, deante do mar que lentamente adormece, e do ceu onde apenas resta a vermelhidão affogueada e caçada do coruscante sol que o sulcou, está estendida sobre a fina areia uma familia, gozando a magestade e a frescura do crepusculo, n'aquelle recolhimento decoroso que compete a quem alugou um chalet de 3,000 francos, e acarretou de Pariz cavallos e carruagens para comunicar luxuosamente com a Natureza.

No meio avulta fortemente a Madama, obesa, enthronada sobre a sua cadeirinha de palha, com uma boina branca, e, sobre os hombros mais largos que ancas d'egoa, uma capeline a que se sente, mesmo de longe, a riqueza e o preço alto. Ao lado, o marido, magricellas e molle, desenha apenas na areia pallida, um traço escuro. Outra fórma encolhida, com os joelhos agudos contra o queixo agudo, é talvez d'um parente pobre ou d'um parasita. E a unica linha nobre e digna, ressalta de dois cães enormes, sentados, com o focinho para o mar, em desconfiança, na esperta guarda dos seus donos, attentos áquelle rolar da vaga, pequenina e lenta, mas que teimosamente avança para elles, espumando e rosnando.

N'esta belleza, e n'esta quietação magnifica, alguém apparece, atravessa, vagarosa e pensativamente, por traz, sobre as dunas do areal. Aos brandos passos, immediatamente, os dous cães saltam latindo com furor, arremettem contra aquelle temerario, que ousou pisar a areia dos seus amos, e caminhar para o mar dos seus amos. Inquieto, o marido corre, em largas pernadas esguias, de bengala erguida, retendo e ameaçando os cães... E então da vasta massa da Madama rompe um brado rouco, um brado aspero, um brado sublime: — *Imbécile! Qu'est-ce que vous*

avez à gronder ces pauvres chéris? Eh bien!... Quand ils mordront on paiera le médecin!

Os cães recolheram, de rabo encolhido, sob a ameaça balbuciada do senhor. Com o dorso vergado o senhor recolheu sob a ira soberana da Madama. E quem vinha passando, passou.

Quando elles morderem se pagará ao medico! grito precioso, na verdade, por que n'elle vêm resumidas todas as fealdades d'uma alma, como por vezes, n'um unico bafo d'aragem, á esquina d'uma viella, vêm todos os fedores d'um bairro sujo. Desde logo se reconhece que a nedia matrona é uma ricassa, uma argentaria, dona de bellos predios, com um coffre profundo no *Banco de França*, longamente acostuada a commandar e dispôr, seccamente desdenhosa de graças e sensibilidades, molle e toda de banhas por fóra, por dentro toda dura e de ferro. O seu sentimento mais vivo reside no zelo violento, quasi feroz, pelos privilegios de todos os seres que fazem estreitamente parte da sua casa — sobre tudo dos seres favoritos, ou por que lhe affagam o capricho ou por que lhe honram o luxo. N'esta os seres favoritos são os dous cães, que evidentemente se tornaram o cuidado supremo do seu vago bocado de coração, e como uma parte mesmo da sua gorda substancia. Ella e os seus dous cães constituem portanto o Universo — o resto é uma sombra que, como todas as sombras, se pisa. Se os seus cães querem morder, toda a perna humana, segundo a idéa da boa Madama, pertence legitimamente aos seus cães. Que as mais bellas ou as mais uteis pernas fiquem dilaceradas — mas que os seus cães se regalem, se satisfaçam, provando com a mesma dentada vivacidade, audacia e o louvavel rancor das pernas estranhas que podem transpôr o muro da casa sagrada. E aquelle qu

impeça os cães de ferrar, gozar a delicia sangrenta d'um rasgão em carne sã, esse, na idéa da Madama, será um impertinente, que priva os seus animaes d'uma regalia e a ella lhe impõe uma affronta. Por isso quando o pobre marido despega os ossos magros da areia fina, e acode, tropeçando, de bengala tremula, ella fulmina o entremetido, grita furiosamente — *imbecil!* Como ousou elle, com effeito, interromper *ces pauvres chéris*, no momento triumphante em que elles vão, os pobres queridos, esfrangalhar o homem temerario que invadira ao crepusculo aquella praia, onde os seus donos digeriam, e portanto dominavam? E é ella então que os chama, quando elles lhe voltam de rabo humilhado, os anima, os consola, e lhes promete mudamente que, n'outra tarde, não serão empecidos, morderão todas as pernas a que têm direito, por serem os cães d'ella, matrona muito rica, muito nedia e muito poderosa.

Ivan o *Terrivel*, senhor das Russias, alimentava os seus ursos favoritos com criancinhas de mama, por que os ursos, pobres queridos, se delectavam com essa carinha muito tenra, d'um sabor de leite. Era um monstro... Mas, no fundo, a alma d'Ivan não é moralmente mais monstruosa do que a d'esta burguezia do boulevard Haussmann. Toda a differença está na largueza do poder. O sinistro Ivan possuia a omnipotencia — era, por direito, tão dono das crianças como dos ursos, a quem podia com a mesma segurança atirar uma criança ou todo um povo. A roliça Madama essa tem a ferocidade severamente limitada pela policia — e só não offerece todos os dias uma perna humana ao dente dos seus cães porque ainda é mais egoista do que feroz, e teme para a sua propria e rica pelle as violencias do Codigo Penal... A sua torpe alma, porém, é genuinamente Ivanica.

Como o velho Ivan ella tem a suprema e descarada indifferença do soffrimento alheio. N'aquelle bojudio seio não passou a mais fugitiva inquietação pelo mal que fariam os dous formosos bruptos quando se arremessaram, furiosos, para as dunas. Os brandos passos podiam ser de uma criança, desviada um momento do amparo da mãe, correndo na areia; ou os d'um velho, doente, alquebrado, fragil; ou os d'uma linda e alegre rapariga no viço do seu desabrochar; ou os d'um mendigo, ou os d'um principe... Que importava á obesa femea? Não era gente da sua casa, por que contra essa os cães não romperiam. Era apenas alguem d'*outra* casa, portanto da *outra* humanidade, al-

guem para cães — exactamente como se fosse febra morta em torno d'um osso... « Que tem que elles mordam? » A ardente dôr, o sangue pingando, uma larga ferida a curar, não a commovem mais do que os riscos que o seu guarda-sol de cabo dourado cava na areia. E não é propriamente n'ella gosto perverso e material do sangue. A vista d'uma canella rasgada, mesmo pelos seus cães, pobres queridos, seria repugnante á vasta Madama, offenderia o seu amor ordeiro das cousas sans e limpas. Não! o que ella tem é soberana insensibilidade por todo o soffrer quando elle não desmanche o seu gozo continuo e regrado da vida. Dôr que grite e s'estorça junto d'ella de certo a emociona, por que a incommoda; e sollicitamente fará tudo (até emprestará talvez a sua carruagem!) para que a dôr vá berrar para longe, muito remotamente, onde os berros não encham o *seu* ar, o ar que ella respira, de tumulto e d'agonia. N'isto se differença do barbaro Ivan para quem gemidos, convulsões, sangue golphando, eram incomparaveis delicias. Não! a nossa Madama já pertence ao seculo XIX por esta delicadeza afinada e educada dos sentidos recobrando um fundo de sentimentos selvagemmente crueis; e é d'essas que, fugindo horrorisadas d'um dedo que se cortou e sangra, permanecem marmoreamente desinteressadas e serenas deante das mais sombrias desgraças moraes. O velho Ivan teria corrido soffregamente para gozar os seus cães estrancinhando o homem que passava. A toucinhenta Madama, essa, depois dos seus cães morderem e se saciarem, de certo se affastaria, com a mão na face — para não presenciar, ella tão limpa e calma, os gemidos, a nojenta carne rasgada...

Mas onde a Madama absolutamente se differença de Ivan o *Terrivel* é na certeza que tem e em que foi rigidamente creada, da omnipotencia do dinheiro. *Quando elles morderem se pagará ao medico!* Esta é a parte preciosa do seu dito illustre. Está aqui toda a moral, e toda a religião, e toda a lei do mundo argentario. A rodella d'ouro, o papel azul do Banco, constituem as unicas realidades do Universo. Só o dinheiro importa, só pelo dinheiro o homem soffre, só pelo dinheiro o homem se contenta. Ingenuamente, ella pensa que o mordido se não desolaria com o mal da mordedura, — mas com a despeza do medico. Para quem vive exclusivamente entre o metal, no cuidado do metal, e que por isso se metalisou, a perda do metal é a unica dôr verdadeira. Se os medicos fossem gratuitos, como o ar (unico dos quatro elementos que ainda se conserva

relativamente gratuito). esta boa matrona não comprehenderia que os seus cães causassem damno esfrangalhando uma perna humana — nem que o homem da perna realmente padecesse transtorno com as dentadas que o estropiavam. Que lhe podia, na verdade, importar a ferida desde que o tratamento era gratuito? Não havia desembolso — logo não havia soffrimento! Succede porém, n'este imperfeito mundo, que os medicos são dispendiosos : — e, portanto, a nossa obesa Madama, no fundo da sua obesidade, reconhece que os seus doces cães, mordendo, fazem um mal — por que originam uma despesa. Pois bem, ella, rica, muito rica, paga a despesa! É exactamente, para o dorido, como se os medicos fossem gratuitos. Que razão lhe resta, pois, de se queixar (e mesmo de não querer ser mordido) desde que, para elle, d'essa aventura de praia e cães, não resulta despesa? É ella que paga, magnanimamente. Rica, muito rica, póde bem pagar, e com gosto, as *despezas* que os seus cães fazem nas pernas que passam. Os seus cães não se privam — ella goza. É uma mera tabella de preços. Se os cães escavacam um bocado do homem — ella paga o bocado : se escangalham o homem todo — ella paga o enterro.

E esse marido *imbecil* (como ella tão justificadamente gritou) que idéa o impelle, quando assim corre, com a bengalla irada, ameaçando, castigando os cães? Penetrado dos sãos principios da sua Madama sobre o dinheiro e o mal humano, elle accudira de certo, polidamente, para poupar ao homem uma despesa... Mas não sabia o imbecil que ella paga sempre esses gastos de luxo? Com que direito impede, pois, que os seus pobres queridos, transportados áquella praia de Normandia para arejar e recrear, saltem ás canellas que não são do seu rancho? Esse seu movimento arreba-

tado de bengala, nasceria d'uma baixa inquietação de avarento? Assim ella de certo o pensa — por isso o injuria. Retendo os cães o magricellas só procurou talvez economisar sordidamente uma conta de medico !... Quanto custaria o concerto da perna? Trezentos francos? E por trezentos francos então elle rouba aos seus cães um gozo, e os humilha publicamente, e dá publicamente uma prova de adunco apêgo ao dinheiro, n'aquella praia onde alugaram um chalet de tres mil francos, com cocheiras! Imbecil, escandalosamente imbecil!

Madama ao menos mostrou a sua largueza generosa — prompta a pagar qualquer perna, por mais valiosa, que os seus cães consumirem. E é por isso que o acha *imbecil* e o despreza — por que, ao lado d'elle, se sente magnanima e sensível. Sim, magnanima, sensível! Nunca ella brutalisaria os seus cães por elles mostrarem alegria e força! Nunca ella consentiria que homem mordido pelos seus cães desembolsasse dinheiro, precioso dinheiro, na custosa cura das feridas!... E talvez ante aquella grave e fresca paz do crepusculo de julho, que lentamente se estabelecia sobre a terra e o mar, a nedia matrona respirasse contente, por que, desinteressadamente, deante do ceu e do mar, que nunca a convidarão a jantar nem a saudarão no *Bois*, mostrara magnanimidade e mostrara sensibilidade!

E uma fera, uma deselegante fera, com aquella deformidade adiposa que só tem a fera humana, quando é femea? Não. É uma Madama civilisada do boulevard Haussmann. Sómente, é uma d'essas almas especialmente seccas e duras, como as têm feito, na sua classe, desde o reinado de Luiz-Philippe, a democracia, o predomínio do dinheiro, a educação positiva, e a decadencia do Evangelho.

EÇA DE QUEIROZ.





CANOVAS DEL CASTILHO

Presidente do Conselho de Hespanha. — Assassinado a 8 de Agosto de 1897.

Canovas del Castillo

OMARTYROLOGIO politico dos homens illustres e dos grandes patriotas que em serviço do seu paiz e da humanidade, caíram victimados pela vingança revolucionaria, veio-se enriquecer do nome glorioso de Canovas del Castillo, presidente do Conselho de Hespanha, assassinado nos banhos de Santa Agueda por um anarchista italiano.

Depois da era triste e lugubre dos nihilistas russos, executando as suas *vendettas* pelas salvas de dynamite e coroando essa serie tragica e terrivel de crimes politicos pela morte barbara e cruel de Alexandre II, nenhum outro partido, a não ser o anarchista, erigira como programma de combate o principio revoltante dos attentados e da propaganda pelo facto.

Consagrando estas linhas de respeito e admiração á memoria do martyr illustre, abstemo-nos de commentar a existencia e os actos d'essa *seita* que levanta perante o mundo os mais solemnes protestos de reprovação universal.

Comprehende-se facilmente que no seculo dezesseis e dezesete as guerras de religião, com todo o seu cortejo inquisitorial, fizessem nascer repercussões violentas que se manifestavam por attentados quasi sempre envolvidos em misteriosas vinganças. Mesmo no começo do seculo actual, a mania dos crimes politicos propagou-se sem maior causa, fazendo numerosos e convictos adeptos, sendo o pacato rei Luiz Philippe, verdadeiro pae da burguezia, victima de uma serie de inexplicaveis attentados dos quaes só por verdadeiros milagres conseguiu livrar-se.

A questão, actualmente, apresenta-se de um modo bem differente e os proprios executores de semelhantes monstruosidades não sabem justificar o movel que os impelle a commettel-as.

N'um momento em que a Hespanha, abalada pela mais dura das crises, desenvolve uma epopéa grandiosa de sacrificios e abnegações; quando, acabrunhada pelas tristezas de uma guerra fratricida, essa nóbre nação de Castilha espanta o mundo pelos recursos inesgotaveis de um sublime e heroico patriotismo, é, na verdade, um vigoroso e vibrante estimulo esse tragico epilogo de Santa Agueda, no qual a figura veneranda do velho estadista cae mortalmente ferida, bradando como ultima e derradeira saudação um *Viva á Hespanha*, entrecortado pelos arquejos de uma rapida agonia.

Canovas del Castillo não podia desejar uma mais bella apotheose para a sua brilhante existencia de homem de Estado, orador consummado, grande patriota e notavel historiador.

Da imprensa europeá que largamente commentou esse lamentavel acontecimento tomamos estas notas biographicas sobre a individualidade politica do primeiro ministro da Rainha Regente.

Nascido em Malaga em 1830, formou-se em direito em Madrid entrando para o jornalismo como

redactor da *Patria*, orgão conservador. Eleito deputado ás Côrtes em 1852 é enviado tres annos depois como governador de Cadix. Em 1856 é encarregado de negocios junto ao Vaticano, preparando n'essa occasião o celebre memorandum historico, sobre as relações da Hespanha e da Santa-Sé, memorandum este que servio de base ao Concordato.

Em 1861 figura pela primeira vez em uma combinação ministerial, e depois d'essa epocha fez parte de quasi todos os ministerios conservadores. Em 1864 faz parte do gabinete Mon como ministro do Interior e um anno depois dirige a pasta das finanças e colonias do ministerio O' Donnel, apresentando n'essa occasião um projecto de lei abolindo a escravidão nas possessões hespanholas.

Banido em 1868 pela revolução que dotou a Hespanha de um governo republicano ephemero, parte para a França, sendo encarregado pela ex-rainha Isabel da educação do jovem Dom Affonso, ao qual elle procurou sempre inculcar as suas idéas liberaes. Chefe reconhecido do partido Affonsista, Canovas foi o director do movimento que organisou o golpe de estado de Pavia derribando a Republica, e em Dezembro de 1874 o pronunciamento do marechal Campos e do general de Rivera que proclamaram Affonso XII rei da Hespanha.

Primeiro ministro do rei, ficou á frente do gabinete até 1875. Em 1876 retoma a direcção dos negocios publicos, lutando contra o movimento carlista e reprimindo a insurreição. Em 1884, forma pela quarta vez um gabinete, demissionando-se em 1885 pela morte de Affonso XII e o incidente da occupação das ilhas Carolinas pela Allemanha.

Em 1890 pela quinta vez e em 1895 pela sexta e ultima, Canovas tomou a direcção do governo, nas circumstancias difficeis que todos conhecem: no interior a agitação anarchista e no exterior a insurreição de Cuba e das Philipinas.

É essa, em resumidas linhas, a extraordinaria carreira d'esse homem politico, que a morte veio colher em pleno labor e no patriotico cumprimento do dever. Elle encarnava a luta da Hespanha contra as colonias sublevadas, declarando com orgulho que, « emquanto nos restar um só homem e uma unica peseta para sustentar e defender os nossos direitos nós não abandonaremos Cuba. »

Canovas del Castillo não foi sómente um dos homens de Estado mais consideraveis d'este fim de seculo, mas tambem um grande escriptor e um notabillissimo lettrado. A sua « *Historia da Casa da Austria* » e a *Historia da decadencia da Hespanha* » são obras de grande saber e reputado valor.

Que a memoria d'esse digno e incomparavel servidor perdure longamente no coração d'essa nóbre e gloriosa Hespanha, que, mesmo expirando, elle saudou com um bello e expressivo adeus.

M. BOTELHO.

A Viagem de Guilherme II á Russia

No dia 8 do corrente, ás 11 horas da manhã, o yacht *Hohenzollern*, tendo a bordo o imperador e a imperatriz d'Allemanha entrou no porto de Cronstadt, entre duas filas de couraçados russos e ao som das salvas de artilheria regulamentares.

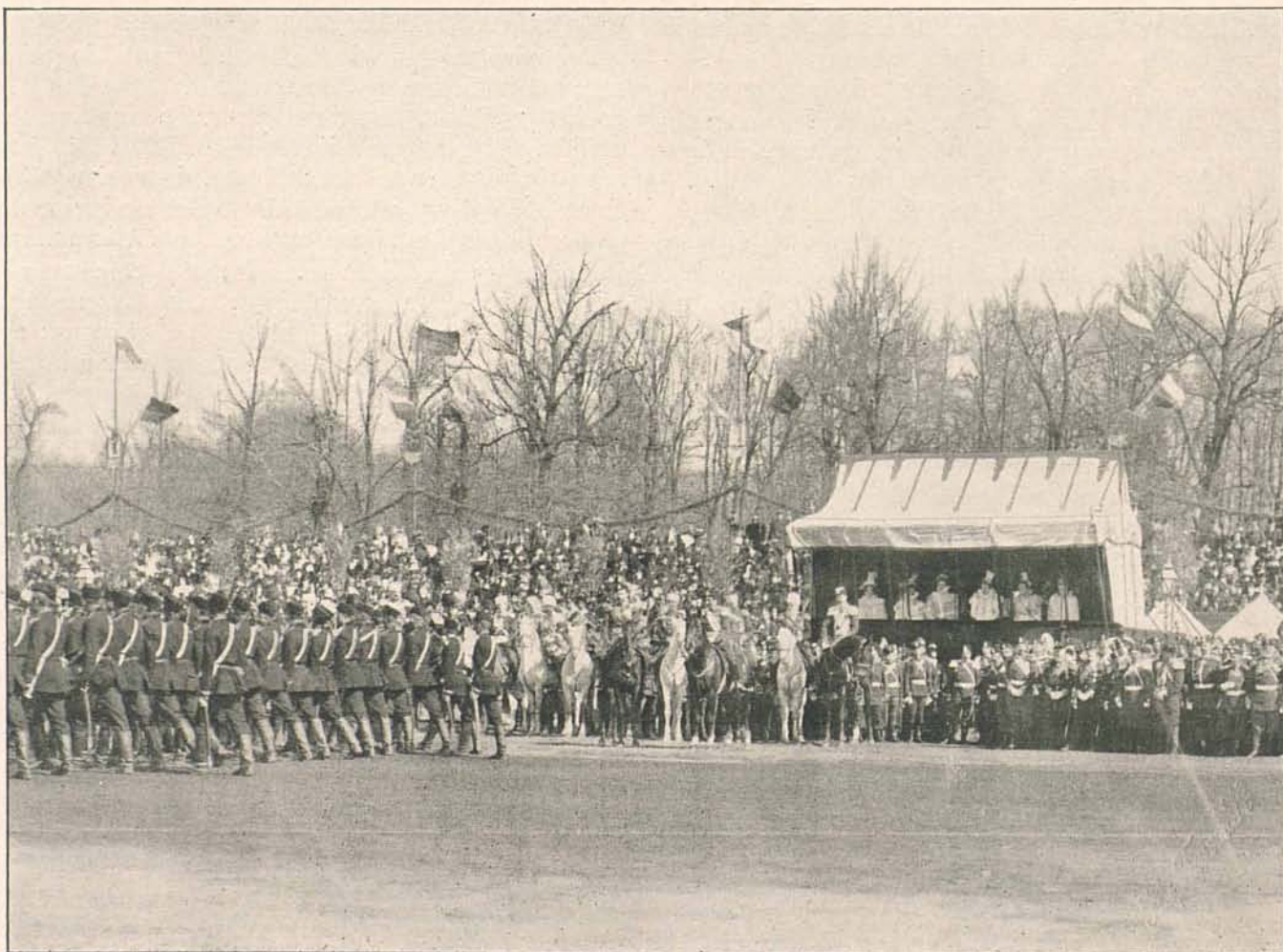
Momentos depois o yacht russo *Alexandra* conduzia o tzar e a tzarina ao navio allemão, onde tiveram logar as primeiras congratulações.

Ao fim de meia hora de repouso, — durante a qual as duas imperatrizes trocaram affectuosos comprimen-

tos, e os imperadores fizeram as apresentações de estylo — Guilherme II e sua esposa acompanharam os tzares a bordo da *Alexandra* que, deixando o *Hohenzollern*, veio atracar a Peterhof, onde fica o celebre palacio que serve de residencia aos chefes d'estado estrangeiros.

No caes de desembarque o imperador e a imperatriz d'Allemanha foram recebidos por todos os grandes duques e grandes duquezas, e á tarde teve logar um grande jantar de gala a que assistiram todos os altos personagens da côrte e do corpo diplomatico.

O tzar, saudando o imperador Guilherme n'um *toast*



A REVISTA MILITAR DE TSARSKOIE-SELO

O Tzar e o imperador Guilherme II assistindo ao desfilhar das tropas.

cortez e breve, agradeceu a visita d'este monarcha, a qual, segundo elle, affirmava mais uma vez as boas relações existentes entre os dois paizes e era mais uma garantia para a continuação da paz européa.

Guilherme II respondeu, agradecendo a maneira cordial e grandiosa por que o Tzar o recebera, referindo-se em termos commovidos á honra que o Tzar lhe fizera nomeando-o almirante da marinha russa e jurando que

A cidade estava embandeirada, e, embora o acolho da população não fosse dos mais entusiasticos, o grande apparatus official e as festas da municipalidade e do governo, bastaram para fazer da visita de Guilherme II um verdadeiro acontecimento.

No meio de uma grande affluencia de povo as caruagens de gala atravessaram a cidade até á cathedral de *Pedro e Paulo* onde o imperador e a imperatriz



Jardins de Peterhof. — Os jogos d'agua.

elle e o seu povo não só ajudariam de todas as suas forças a obra de paz que Nicolau II emprehendera, como repelliriam a seu lado com energia todos os que tentassem perturbar ou romper essa paz.

* * *

Na dia seguinte o imperador e a imperatriz vieram de Peterhof a São Petersburgo aonde foram recebidos no caes pelas authoridades civis e militares.

depozeram formosas corôas sobre o tumulo de Alexandre II.

Às 5 horas da tarde os imperadores partiram para Tsarskoië-Sélo, onde no dia seguinte teve logar a grande revista militar que foi muito brilhante.

Às dez horas os soberanos chegaram. O imperador Guilherme, em uniforme russo, e o Tzar, ambos a cavallo, vieram collocar-se ao lado da tribuna aonde as imperatrizes assistiam á revista.

No momento em que o corpo da guarda russa se approximava, o tzar veio collocar-se á sua frente e des-



A capella do palacio de Peterhof.

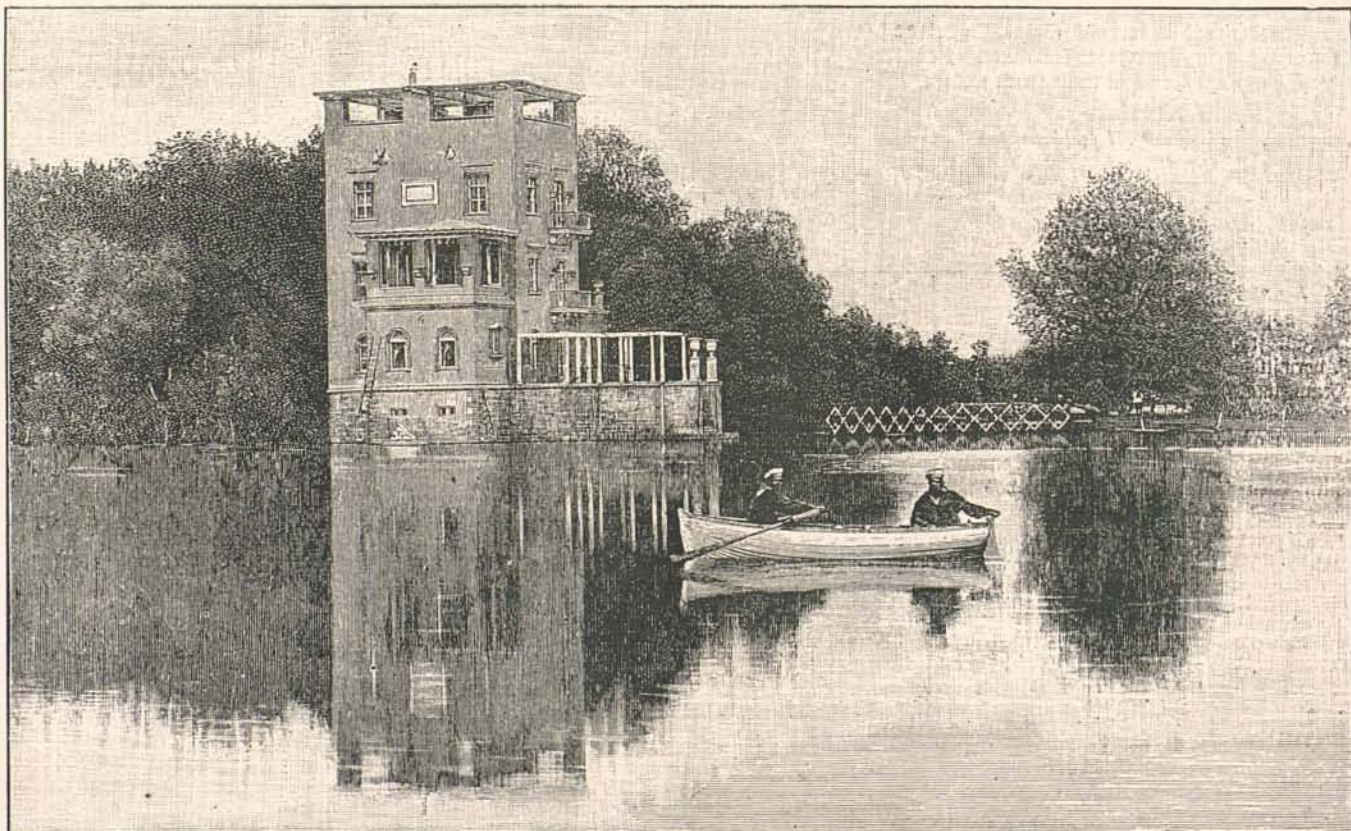
filou deante de Guilherme II, e por sua vez, quando appareceu ao longo o regimento de Vibarz de que o imperador d'Allemanha é coronel honorario, este galopou ao seu encontro, e á sua frente veio retribuir ao Tzar as honras que este lhe fizera momentos antes.

A revista terminou por uma carga de cavallaria executada com muito brio pelos Cossacos, e foi seguida por um almoço intimo na barraca de campanha imperial.

Em seguida os soberanos voltaram a Peterhof onde teve logar o jantar e a representação de gala no meio dos jardins magnificos da *Versailles* russa, brilhantemente illuminados.

As vistas que juntamente damos do Palacio de Peterhof e dos seus jardins, serão seguidas no proximo numero de outras photographias não menos interessantes que illustrarão e completarão a descripção do velho e magestoso palacio que vae abrigar, a poucos dias de entervallo, os chefes de dois paizes inimigos pelas armas e pelas constituições.

X.



Jardins de Peterhof. — A ilha Olga.

A EXPOSIÇÃO DE STOCKHOLMO

STOCKHOLMO, a *Veneza do Norte*, possui também actualmente a sua Exposição Universal; e se esta não é tão importante nem tão concorrida como a de Bruxellas, tem em compensação um caracter mais original e um aspecto mais pittoresco.

Installada n'um sitio de uma belleza incomparavel, o parque de *Djurgaerden*; cercada pelas aguas tranquilladas do Baltico; illuminada pela permanente claridade do estio boreal, a Exposição de Stockholmo tem tido um verdadeiro successo e póde marcar epocha no progresso e desenvolvimento industrial da Suecia moderna.

Quando, vindo em barco, por um dos numerosos canaes que atravessam a cidade, se chega em frente da Exposição, tem-se uma impressão agradável á vista de todas essas construcções de uma architectura extranha e graciosa, d'um colorido variado e alegre, formando um conjuncto harmonioso, onde o pavilhão central domina pelas suas proporções gigantescas.

A parte mais importante da Exposição é, sem duvida alguma, o *Pavilhão da Industria*. Esta construcção, a maior que se tem feito em madeira, occupa uma superficie de 17,000 metros quadrados, espaço enorme na verdade, mas, ainda assim, acanhado para a affluencia de productos que vieram não só de todas as provincias da Suecia e da Noruega, mas da Dinamarca e da Russia.

Nada mais curioso do que o exame d'essa mul-

tidão de magnificos e variados trabalhos, desde os bordados que pacientemente executaram as camponesas escandinavas, até aos preciosos tecidos moscovitas; desde os modestos utensílios, das



O pavilhão central.

povoações norueguesas, até ás artisticas baixellas da Dinamarca.

Este pavilhão é dominado por uma cupola de mais de cem metros de altura, ladeada de quatro

minarettes, no interior dos quaes funcionam elevadores que constantemente sobem os visitantes até ao terraço superior, d'onde se disfructa um esplendido panorama, não só da Exposição e do parque de *Djugaerden*, mas de toda a bella capital sueca com as suas numerosas e povoadas ilhas, com os seus pittorescos edificios mirando-se no espelho azul das aguas tranquillas.

Ao lado d'este pavilhão está o *Museu do Norte*, importante edificio onde se acham especimens da cultura nacional, instrumentos de agricultura, accessorios de jardinagem, etc., secção muito interessante para os agricultores e syvicultores do centro da Europa, alheios a esta natureza do extremo norte tão differente da nossa.

Perto, sobre a margem, banhando no canal, está a exposição da pescaria, onde, n'um *pêlemêle*, muito decorativo, foram accumulados todos osapparelhos de pesca, e onde a Noruega occupa naturalmente o primeiro lugar.

Mas onde o visitante se sente verdadeiramente surprehendido e maravilhado, é, ao entrar no *Velho Stockholmo*, em uma esplendida reconstituição da antiga cidade, reconstituição das melhores e mais completas que n'este genero se têm feito, um tranquillo e poetico canto onde se esquece durante alguns momentos a insipida existencia contemporanea, para remontar áquelles tempos em que a arte presidia tudo : a architectura, o vestuario e a vida.

Nada falta a esta pequenina cidade antiga : nem os fossos profundos, nem as pontes levadiças, nem o alto castello.

Nas ruas estreitas e tortuosas as velhas construcções medievaes rivalisam de belleza architectonica; as fachadas adornadas de baixos relevos, as janellas brilhantes de coloridos vitraes, as arcadas sombrias das lojas, os alpendres em ferro forjado de um grande trabalho e valor, tudo é de uma perfeita harmonia e de tal modo construido e acabado, que o visitante chega

a esquecer que essa cidade é uma cidade de panno e de gesso, e pensa antes que esse canto é um resto de historico bairro piedosamente conservado.

Para que nada falte á illusão, archeiros e soldados do seculo XVI passam nas ruas, guardam as portas das casas, fazem a ronda sobre a torre de vigia; ao passo que habitantes, apressados, atravessam a praça em vistosos costumes e as mulheres do povo, em trajos d'essa epocha remota, veem buscar agua ao poço que no meio de um largo ergue o seu alpendre de ferro.

N'um canto, perto de um jardim que lembra vagamente o de Margarida no *Fausto*, está a casa do ferrador e, em frente, uma estalagem confortavel convida o transeunte a virtomar um copo de cerveja sobre o balcão florido, onde as frescas creadas se debruçam.

Esta parte da Exposição é certamente a mais



O velho Stockholmo.



Vista geral da Exposição de Stockholmo.

concorrida, e é com pena que se deixa esse retiro consagrado á poesia dos tempos passados, para continuar uma visita rápida aos outros atractivos mais modernos e mais conhecidos.

Atravessando uma das numerosas pontes, o aspecto da Exposição muda completamente, bem como o panorama do sitio, que abrange então toda a vista do porto de Stockholmo, um dos melhores que se conhecem. É d'este lado que estão a *Galeria das machinas* e o *Pavilhão das Bellas-Artes*.

A primeira, nada tem de notavel; é uma vasta



A ponte dando acesso á entrada principal.

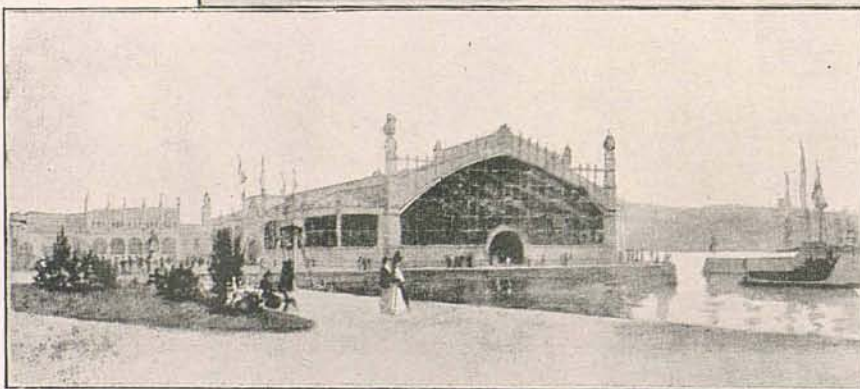
construcção em ferro e cristal no genero de todas as que modernamente têm sido feitas; e, apesar da importancia da Suecia como paiz metalurgico, esta galeria pouco interessa os visitantes que viram as outras exposições dos ultimos annos.

A exposição das Bellas-Artes é pelo contrario extraordinariamente concorrida.

Os principaes artistas de Europa estão ahí representados pelas suas melhores telas, e a escola escandinava mostra n'este

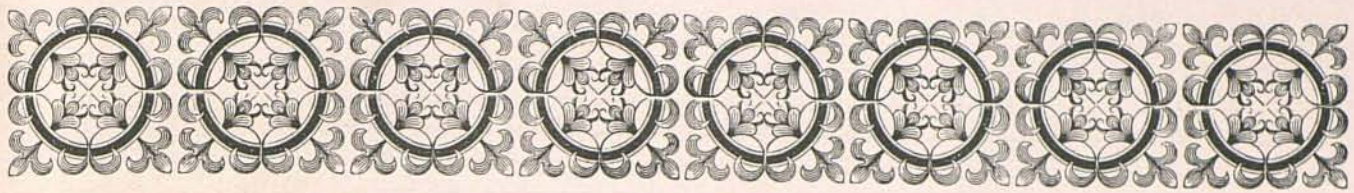
certamen um grande desenvolvimento e um verdadeiro progresso. Em resumo, a Exposição de Stockholmo é um verdadeiro successo, e o povo sueco, um dos povos mais hospitaleiros e amaveis do mundo, póde justamente orgulhar-se do seu trabalho, da sua arte, da sua industria, e, principalmente, da sua capital tão alegre, tão cheia de vida!

J. C.



A exposição maritima.
A Galeria das machinas.





A YARA

I



QUANDO Dom Affonso acordou, aos primeiros alhores do sol nado apenas, procurou de balde o guia, que horas antes se deitara para dormir a poucos passos d'elle. — Andará caçando por ahi — pensou o explorador — ou terá ido prover-se de agua, colher côcos frescos para a jornada. E com paciencia o aguardou largo tempo, sob as ventarolas de uma grande palmeira, arreando elle mesmo o seu cavallo. Vendo que o indio não tornava, poz-se a correr pela matta, de um lado e de outro, e aos gritos o chamava : — Jatobá ! Jatobá ! — Bradou, vociferou inutilmente ; o tapuyo desleal fugira-lhe, largara-o, n'um abandono covarde, entre a espessura da floresta virgem.

Dom Affonso clamou com raiva : — Culpa minha ! culpa minha ! — Bem o haviam prevenido que desconfiasse do indio ; que era temeridade aventurar-se só com elle por essas brenhas bravas e desconhecidas. E revia na mente, furioso, a extranha figura de Jatobá ; era este um perfeito typo da sua raça ; baixo, grosso, massudo, as bastas espadas, os braços e as pernas de compacta musculatura, tinham a integra robustez primitiva ; as linhas flexiveis dos rins, os movimentos ageis e felinos do dorso, faziam pensar nas onças que sem ser presentidas avançam e armam, de subito, o bote ; na cara acobreada e lustrosa, que ralos fios de barba mal ensombravam, os pequeninos olhos redondos como contas de missanga luziam com finura matreira ; e o risinho que de continuo lhe entreabria os beiços, mostrando agudos dentes de anthropophago, era de inspirar suspeita ao mais ingenuo...

Mas Dom Affonso não quizera ouvir conselhos ; era moço e audaz, forte e exuberante ; os obstaculos o incitavam — quanto mais arriscada a empreza, mais de tental-o seria. Filho de fidalgos, neto de heroes, sentindo fervilhar nas veias o sangue dos antigos bandeirantes, ambicionava acções grandes ; e onde acharia occasião para ellas, em epoca de paz e mercantilismo, sem uma bella guerra cheia de surpresas e nobres scenas, retintim fino de espadas, prolongado

clangor de clarins, ribombar de canhões roucos, côres vivas de uniformes e estandartes, sangue a jorros pelo chão, uivos, gemidos, cantos militares ? Só, de certo, ignota e longinqua exploração lhe podia saciar a um tempo a sêde de saber e a curiosidade inquieta de aventureiro. Na sua casa da cidade, em longas noites monotonas, enquanto o pae fumava taciturno a um canto, e a mãesinha e as irmans cosiam ou bordavam ao redor da mesa que a velha lampada flamenga alumiaava, o seu pensamento andava por fóra ; e mesmo quando Dom Affonso apertava cariciosamente a mão da noiva, e lhe dizia calidas ternuras mal contidas, ella descobria-lhe o semblante algo ancioso, insatisfeito, e lhe perguntava com angustia : Que tens ? que tens tu, que não és feliz ? — Sou ! sou... respondia elle, mas de um modo hesitante, que bem o desmentia... E, comtudo, a adorava. Mas, como Dom Quichote exaltara-lhe a imaginação com livros de cavallaria, elle nutria a sua febre interior com livros de viagens e navegações. O mar estava perto, elle da sua janella o via, tão rutilante e azul ! Mas o mar, canôas, lanchas, transatlanticos, couraçados o cruzavam em segurança ; pilotos e capitães conheciam os contornos de cada rochedo, de cada banco da areia, e, quasi, o capricho de cada onda ; as travessias se haviam tornado passeios banaes, o mar era um animal domado... Para o outro lado, para lá, para dentro, ficava a floresta mysteriosa e sagrada, que talvez nenhum homem da sua raça desvirginara ainda ; e essa o attrahia, essa o chamava com voz tão forte, quando o vento zoava nas copas dos ipês e dos coqueiros, que de não acudir ao reclamo lhe vinha uma dôr profunda ao coração.

Quando Jatobá lhe apparecêra uma tarde, dizendo-se nascido n'uma tribu de indigenas, e trazido de lá por um missionario que o educara, contando-lhe os costumes e ritos primitivos, a vida das tabas, os esconjuros dos pagés, as riquezas e virtudes da flora, as caçadas de tigres e tapyres, as pescas demoradas nos largos rios, os combates renhidos ao som agudo das inubias e dos borés, Dom Affonso já se não possuira mais ; avido de minucias, passava horas a fio com o tapuyo, fazendo-lhe mil perguntas, ouvindo-o narrar as suas proezas e outros episodios das selvas ; e, por fim, não se pôde conter : propoz-lhe empre-

hender com elle a grande viagem, e o índio accorreu pressuroso. Vencendo a resistencia dos seus, que ficavam n'uma desolação chorosa, Dom Affonso partiu...

E depois de cinco dias atravez das mattas, quando elle para voltar já não sabia o caminho, Jatobá fôra-se embora. Oh! índio maldicto! quem o pudera enforcar naquelle instante? E por que fugira? por perversidade? pelo gosto de fazel-o morrer sósinho, extraviado no horror d'essas brenhas que não guardariam nem o echo dos seus derradeiros gemidos? com o intento, porventura, de ir buscar os seus irmãos de tribu, e entregal-o á voracidade assassina dos selvagens, para desforra do mal que os brancos tinham feito outr'ora áquella raça opprimida? Mas Jatobá nada lhe roubara; não carregara comsigo as provisões, nem as armas... talvez para dar-lhe ensejo de defender a vida, luctando rudemente contra as settas hervadas e os ponderosos tacapes? Heroismo obscuro e malsinado fôra esse; heroismo sem gloria e sem ideal, que nem uma lagrima de amigo celebraria; e bem pobre consolo seria para elle que a tradição das tabas o perpetuasse nos hymnos bellicosos cantados em torno ao poste do supplicio, quando o verde licor do cauim e o vinho espumoso do genipapo fazem delirar as gentes primitivas!...

E, agora, para onde ir? Dom Affonso não tem a minima idéa do rumo que lhe convem: tudo é egualmente confuso para os seus olhos inexperitos, naquella região assombrosa e phantastica; e só para não ficar passivamente immovel — só para escutar ainda as insinuações d'essa extrema esperança que, mesmo em face da morte, nunca nos abandona de todo — vae vagueando ao acaso por azinhagas reconditas e sinuosos atalhos, onde se descobrem a espaços pégadas de feras formidaveis...

Mas, a despeito do seu terror, — terror de quem, embora intrepido ante os perigos reaes, tem de aperceber-se miudamente contra todas as traições do Desconhecido, — a cada instante uma curiosidade intensa de artista o distrahe da sua medonha situação, e todos os sentidos se lhe prendem áquelles quadros maravilhosos da floresta, que, mesmo em seus sonhos mais hardidos, elle não previra tão bellos. Planuras se succedem a valles, valles a collinas; e por toda a parte a Natureza passa, em transições incontaveis, do robusto, do quasi brutal, ao infinitamente delicado e fragil. A vegetação rasteira, as cordas entrançadas dos cipós, as nervudas raizes salientes, embaraçam de continuo o caminho, enredam e constringem as patas do nobre tordilho corredor; tapêtes de fofo musgo, alcatifas de frescaservas bastas, onde a caustica ortiga se entrelaça ás inoffensivas samambaias, forram o sólo; erguem-se por todos os lados, aos grupos, columnas de varios estylos, lisas e lavradas, umas erectas e perpendiculares ao chão, inclinadas outras ao peso das frondes e dos fructos; e as copas das arvores gigantes, unindo-se lá em cima, formando profundas e rumo-

rosas cupulas, só de longe em longe deixam divisar uma nesga de azul.

Mururés e jacarandás colossaes se medem com delgadissimos coqueiros; a jurema espinhosa abraça, sem a ferir, a lisa jaboticabeira de fructos negrissimos; os jambos de um moreno corado se casam ás flôres alvissimas do cajá, e os bagos escarlates do merityzeiro ás favas pretas da baunilha, que trepa pelos troncos rugosos; a Victoria Regia, triumphal soberana, expande a sua grande urna de alabastro no meio de uma lagôa dormente; nas margens, parasitas inodoras, mas da mais fina purpura e do ouro mais fino, riem penduradas ao galhos da sapupema; e as corollas do manacá, ricas de perfume, despontam rôxas dolentes e pouco a pouco se tornam brancas. No calor abafadiço do meio dia, as côres são mais brilhantes, mais concentrados os aromas; com a impaciencia da vida tropical, os ramos, as folhas parecem crescer visivelmente; e a terra estalla á pressão das sementes infladas que querem brotar... Dir-se-hia que caçoulas fumam no ar, que thuribulos fluctuam brandamente, meneados por magicas mãos; as resinas que deslizam entre as fendas das madeiras preciosas embalsamam a atmosphera; as acacias sylvestres, os ácidos cajús rubentes, os ananazes côr de rosa com os seus cocares de laminas duras, vertem essencias varias e estonteantes. Colibris minusculos, imponderaveis, joias aladas, estes todos de esmeralda, outros de saphira e rubí, perpassam com rapidez de corolla em corolla, e, transportando o pollen, mensageiros de amor, vão fecundando as flôres; abelhas susurrantes — as ruivas jatys e as vermelhas jandairas — sugam-lhes os calices compondo próvidas o seu mel; araras polychromas palram doudamente, tucanos de papo amarello meditam silenciosos sobre os leques das bananeiras; gaviões cortam o ar, velozes, guinchando, á cata de presa; e nas ventarolas da carnaúba, na sombra recatada dos taquaraes, sabiás cantam caprichosamente...

Doce e festiva é a alma das cousas; e como, se o não esmagasse a consciencia do seu tragico destino, Dom Affonso commungaria com ella! Mas agora a adivinha hostile e malefica; de momento a momento se sente mais só, mais pequeno e mais fraco. Que póde contra a Força occulta, que por todos os lados o ameaça? As mãos se lhe cansam e ferem, abrindo caminho atravez dos galhos espinhosos e das lianas resistentes; o suor lhe banha em fios o rosto; e, por vezes, lhe turbam o cerebro extranhas vertigens. A sua imaginação aterrada creá a cada passo perigos novos. N'um cipó esguio e colleante, enroscado aos nós de uma palmeira, elle cuida ver a giboia poderosa, que em breve o ha-de devorar, triturando-lhe os ossos em amplexo tremendo. Manchas de luz sobre um tóro derrubado lhe figuram o corpo do jaguar, côr de ouro velho, mosqueado de negro, que contra o seu peito vae avançar de guela escancarada e agudas presas, para dilacerar-lhe as carnes, fibra a fibra... E que zunido subito, rapido, rompe os ares, e se esgueira atravez do

arvoredo? Não será a frecha do selvagem, prestes a inocular-lhe nas veias os ardores infernaes do curare?...

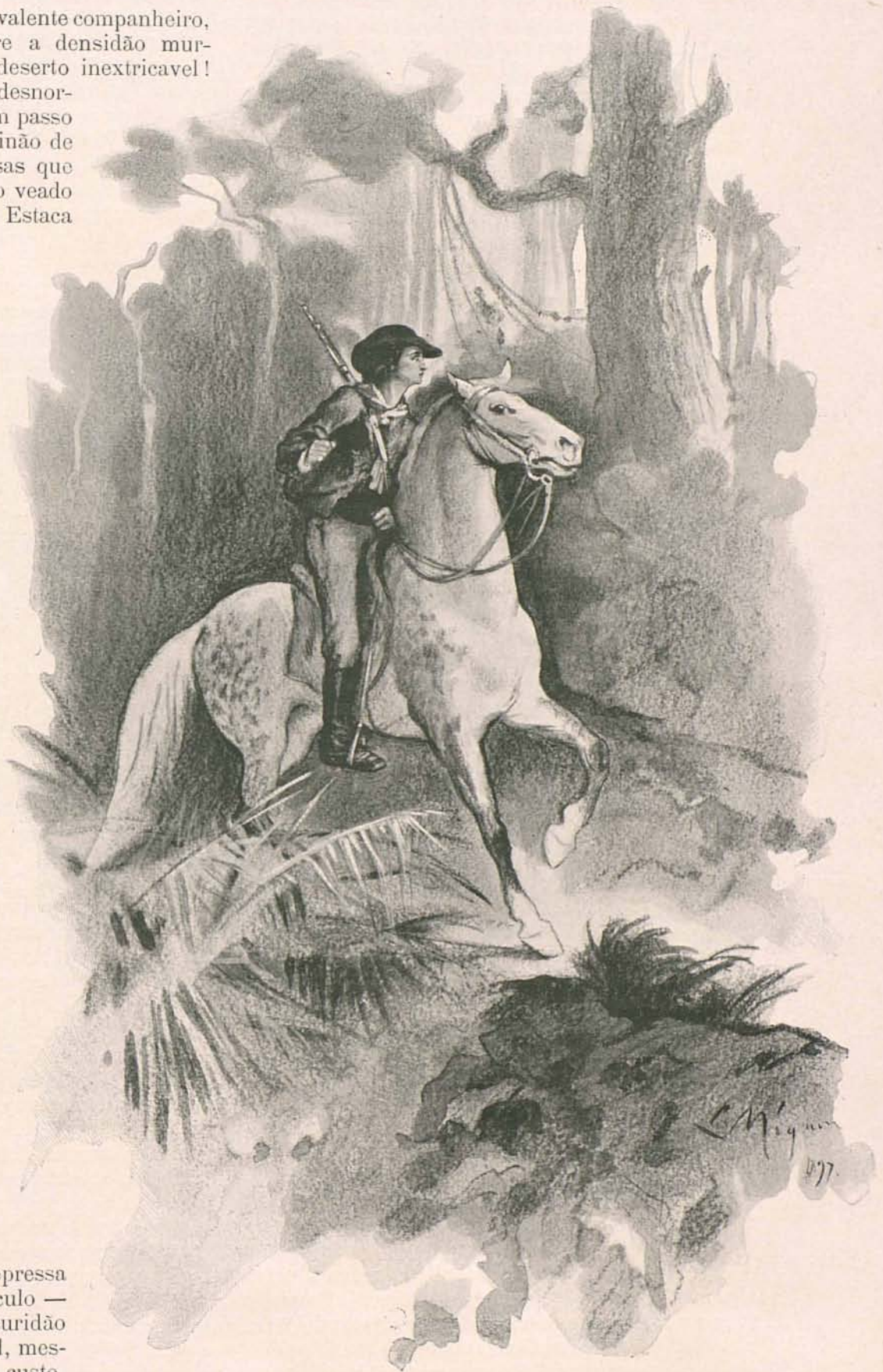
Si ao menos o cavallo, seu valente companheiro, soubesse dirigir-se por entre a densidão murmurosa e escura d'aquelle deserto inextricavel! Mas elle tambem vagueia desnor-teado, receioso de tudo, com passo hesitante, e não ousa fitar sinão de revez certas fórmulas duvidosas que atravessam o bosque, como o veado fugitivo ou a cautelosa paca. Estaca de repente, empina-se e relincha de pavor quando sôa um d'esses ruidos vagos e enormes — pio de ave, sussurro longinguo de cachoeira, farfalhar phrenetico de ramagens — que avultam e se multiplicam de echo em echo até aos antros mais remotos da floresta...

Dom Affonso se detem. Quantas leguas terá andado? Estará perto, ou cada vez mais distante de um sitio qualquer habitado, de uma cabana de cultivador, ao menos de uma choça de tapuyo miseravel, onde palavras de paz lhe encantem os ouvidos como divina musica, onde a presença de um desconhecido lhe engendre no coração transportes de ternura fraternal? Ossos que encontrou ao pé de uma arvore — já esbranquiçados e puidos, e ao parecer humanos — lhe deram rebate ao animo como sinistro presentimento. Immutavel, implacavel, permanece diante d'elle a Esphinge do destino...

II

Chega a noite, porfim; depressa vem — quasi não ha crepusculo — e n'um momento é todo escuridão o amago da matta, onde o sol, mesmo em pleno dia, penetra a custo. Grande fadiga prostra o cavalleiro; ao mesmo tempo um torpor quasi suave lhe retarda o sangue nas arterias. Cansado vae tambem o tordilho; trôpego e offegante, flócos de espuma lhe marejam

no pello, e bordam-lhe entre os dentes o freio de prata.



Estão agora n'uma ampla clareira; alli se rasga largamente a abobada dos ramos verdes; e se descobre a vastidão do ceu, já pontilhado de estrellas; no azul profundo, a lua cheia se balouça; e a sua

luz tem alguma cousa de compassivo e calmante, como esses olhares de mulher santa que curam as feridas da alma... Pobre viajante exausto! eis a alcova real que a Natureza lhe prepara, disposta acaso a abrandar-se em seu favor; o seu corpo maltratado achará talvez mais macio que a purpura dos principes o leito de macia relva. Naquelle recanto abrigado, os ramos se curvam docemente para protegê-lo como um docel discreto; os passaros, fartos de chilrear o dia inteiro, calam-se no frouxel dos ninhos; só a meiga jurity arrulha timidamente uma canção nostálgica nas moitas de ubaia; os grillos e as rans baixam de tom o seu psalmodiar uniforme... Bem perto, sonoramente, uma cascata se despenha de entre rochedos abruptos; sobre as pedras tisnadas a água resvala em largas fitas argenteas, de offuscante brancura; plantas bravias crescem em torno; tinhorões sedentos se abebem na corrente; lichens rasteiros sorvem a limpha gotta a gotta, e, penetrados d'ella, incham como esponjas; pulverizações humidas, movidas pela tenue aragem, refrigeram o ar, pejado de essencias aromaticas. Embaixo, calma, sem impetos, a água se espraia n'um lago transparente; a magnolia, sobre elle balouçando-se, lhe semeia á toua os seus calices de leite intensamente cheirosos, semelhantes a seios de virgem apenas nubil; nenuphars errantes boiam com elles; e, no fundo, seixos clarissimos fulgem, encrustados na areia...

É vago e carinhoso o murmúrio da cascata; dir-se-hiam trovas de velha ama embalando uma criança no berço. E que é o pobre Dom Affonso mais que uma debil criança, naquelle ermo phantastico, longe de todo soccorro humano?... Dorme, dorme! A frescura do orvalho extinguirá a febre em que ardes; e o somno amigo... Goza o somno, o mais perfeito, o mais divino dos prazeres terrenos, tanto para o que vae cingir a corôa de rei ao esplendor do sol, como para o que tem de entregar a cabeça ao algoz logo que rompa a manhan... Já as palpebras se lhe cerram; tudo se aquieta em derredor, a mesma cachoeira parece emmudecer...

Mas, de repente, uma voz harmoniosa e terna, cheia de seducções e blandicias, vibra — a principio submissa, cauta, em surdina, depois aos poucos se eleva, mais nitida, mais forte; e as folhagens fremem, e as nymphéas palpitam, e os manacás e as baunilhas se evaporam em perfumes, e as mariposas espanejam lentamente as azas, como para voar... Dom Affonso desperta. Despertou? Não. Parece-lhe estar sonhando. Esta voz! esta voz feminina no meio da floresta? É uma illusão de certo; que encantadora illusão!

E a voz canta: Como é bello o moço branco adormecido á beira da cascata rumorosa! quanta formosura e quanta serenidade ha nas suas feições, nos labios que entreabertos sorriem, e nos cilios unidos, talvez humidos das lagrimas da saudade! Como é bello o moço branco adormecido! Águas da cascata rumorosa, correi de manso! cuidado! não lhe perturbeis o repouso! Astros do impene-travel firmamento, protegei-o; contempla-o com

propicia magia! afastae do seu espirito os genios malignos, povoae-lh'o de imagens deliciosas! Jacy, mãe nossa, mãe doce dos doces fructos, que tão alto fluctuas na tua côrte de estrellas, tece com fios de luz diaphana os veos do nosso noivado! Sou eu que t'o supplico; tu sabes que eu o amo e desejo; guarda-o immune para mim, Jacy, mãe nossa, mãe doce dos doces fructos!

Dom Affonso, d'esta vez, despertou devéras. E, estirando os braços longamente, como para succudir um sonho mentiroso, sentiu que alguem o puxava pelas roupas.

Que? era o proprio Jatobá que alli surgia de repente?

— Fuja, fuja, meu amo! — gritava o indio.

— Tu aqui? por onde andaste, desgraçado?

— Fuja, fuja depressa!

— Como me abandonaste assim?

— Ah! meu amo! a saudade das mattas grandes tomou conta de mim...

— Mas tu não estavas commigo nas mattas grandes?

— Não, não era o mesmo; andar sósinho, livre, dono de mim, ser indio outra vez, isso é que era! Mas eu não abandonei meu amo; de longe o ia seguindo; o meu ouvido fino acompanhava a marcha do tordilho; e, se houvesse perigo...

— Mas dize-me: quem cantava ha pouco tão lindamente?

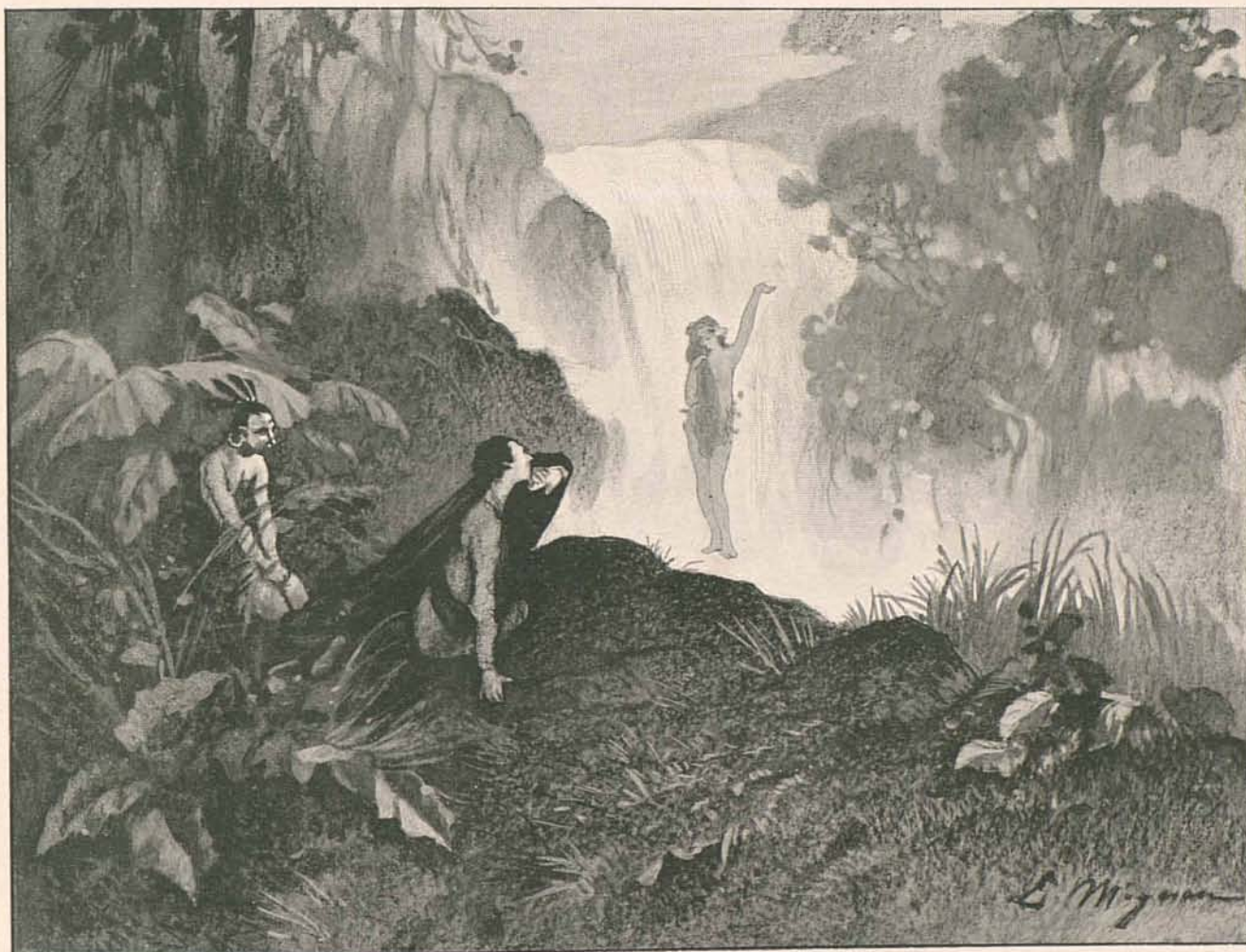
— Ah! meu amo, fuja! Era a Yara que cantava... a Yara da cachoeira, que seduz os viajantes... Olhe! E apontava para a cascata; gaguejando, com os olhos esgazeados, as mandibulas batendo de terror, um tremor convulsivo a agitar-lhe os grossos membros, a figura de Jatobá tinha uma expressão desesperada e comica. Ao lado d'elle, o cavallo espetava as orelhas, attento, espantado. Uma claridade magnifica sahia das aguas, e resvalando com ellas, illuminava o lago até o fundo; o luar dava em cheio sobre a cascata; mas não era do luar tão coruscante esplendor; essa luz irradiava de dentro... E, toda envolta naquelle fulgido sendal, uma soberba mulher, grande, robusta, esbelta, estava de pé, e estendia os braços para Dom Affonso. Era uma verdadeira estatua de bronze — estatua de artista genial, — mas com o que ás estatuas falta: a alma que feita palavra desabrocha nos labios, que atravez das pestanas densas irradia nas pupillas, e parece apontar nos poros a cada movimento... Alta como um homem alto, dominadoramente forte e colubrinamente flexivel, tinha ella no corpo triumphante a plenitude da vida physica, e promettia caricias de endoidecer. Na pelle trigueira, quasi adusta, scintillavam gottas como pequenos diamantes; gottas como astros lhe constellavam a coma negra que, solta pelas espaduas, cahia até os tornozellos copiosissima; os peitos, rijos, brunidos como os das Amazonas, arfavam nús; uma grinalda de nenuphars lhe ornava a cabeça, e uma tanga de algas espessas lhe protegia os rins...

— Sou eu, moço branco, sou eu que canto, por que o amor me faz cantar. O amor entrou no co-

ração da Yara, que nunca, antes de ver-te, desejou outro homem. O amor é como o vinho gostoso que escalda as veias e alegra o espirito; mas pôde ser também como o veneno amargo que regela o sangue e traz a morte em agonias atrozes. O amor torna mansa a mulher como a rôla da matta que vem pousar no meu seio e me afaga os labios com o bico; mas também lhe pôde dar a furia insensata da onça ferida que se precipita sobre o inimigo, e lhe lacera as carnes com as unhas aceras e lhe quebra os ossos com os afiados dentes!...

— Meu amo, fuja, ou está perdido para sempre!

— A tua noiva tem a belleza fragil das louras; o tempo depressa traçará rugas na sua face côr de leite, e lhe apagará o brilho dos olhos azues. Eu tenho a belleza que resiste ás edades; luas e annos passam sobre meus hombros esbeltos sem os machucar, como o oleo escorre sobre a madeira brunida. No meu corpo circula toda a seiva d'estas regiões fecundas, onde arvores gigantes brotam e avultam, sem que mão estrangeira espalhe sementes ou regue talos ainda tenros. Eu tenho a immortalidade para mim e para aquelle que eu amo!



— Não fujas, não, moço branco! quem uma vez vem ao meu reino e me contempla, não me foge mais. A minha dominação é subita e eterna...

Dom Affonso comprehendia vagamente que não teria coragem de fugir; por que a Yara tinha, como as deusas antigas — deusa que era também — o poder de escravisar repentinamente o coração humano. Entretanto, lembrou-se nesse instante dos que deixara longe; um remorso agudissimo o punziu; e elle clamou ainda, debatendo-se com a fatalidade que já presentia irreparavel :

— Deixa-me ir, deixa-me ir para a minha noiva, que me quer tanto...

E sou virgem também como a tua noiva; ninguém colheu ainda, eu te juro, as primicias do meu ósculo...

— Deixa-me ir, deixa-me ir para minha mãe, que se mirrará de pena se eu não volto...

— Moço branco, meu bem querido, são vermelhos meus labios como a pitanga, mas não têm o seu acre sabor; têm o perfume fresco do maracujá, e do sapoty maduro têm a doçura sem travo... Como a graúna, para adormecer os filhotes, os acolhe sob as negras plumas, eu te acalentarei no meu regaço á sombra do meu cabello negro como as plumas negras da graúna!

— Quem és tu, quem és tu, que ha uma hora eu não te conhecia, e agora já não comprehendo o existir sem ti? Não és tu só que me chamas, sou eu que te chamo agora, eu que te estendo as duas mãos e todo a ti me entrego!

Assim dizendo, Dom Affonso, a cambaleiar como embriagado, n'um arranco de paixão febril e quasi dolorosa, ia caminhando para a cascata. A Yara então, sahindo a meio das aguas, abriu os braços para recebê-lo; um sorriso indecifrável e quasi imperceptível lhe adejava á flôr dos labios rubros.

— Liga a tua bocca á minha bocca, amado meu, e farta-te de beijos... — segredava ella, estrei-

tando-o já de encontro ao seio; as narinas lhe palpitavam como azas de mariposa; os peitos rijos, brunidos, como os das Amazonas, offegavam violentamente.

Dom Affonso ligou a bocca á bocca da Yara faminto de beijos, e logo ficou pallido, pallido, cerrou os olhos, desfalleceu; e ella, apertando-o mais e mais nos braços, carregou-o, já morto talvez, para o fundo do lago.

Um grande silencio pairou depois sobre tudo; só se ouviam os gemidos do pobre indio que cahira de bruços aterrado, e o pavido nitir do cavallo que fugia a galope atravez da floresta.

MAGALHÃES DE AZEREDO.





A Cavallaria Allemã

O Regimento de Hussards do Rei Guilherme



AS margens do legendario Rhe-
no, edificada sobre um outeiro
verdegante e pittoresco, eleva-se
a velha cidade universitaria de
Bonn, berço das mais bellas
tradicções da Germania intel-
lectual e patria do grande e

immortal Beethoven.

Homems illustres ahi fizeram os seus estudos, in-
do depois occupar na grande Confederação os mais
altos postos politicos e militares. Guilherme II, o
actual imperador, ahi residio durante dous annos
seguindo os cursos da Universidade, na qual se dis-
tinguiu como alumno intelligente e trabalhador,
guardando sempre d'essa pequena cidade prus-
siana, como provam as constantes visitas que a
ella faz, saudosas recordações de mocidade.

N'uma pequena collina transformada em jar-
dim publico, mesmo no centro da cidade, domi-
nando a planicie e aguas tranquillias do rio, eleva-se
um monumento consagrado a um geographo al-
lemão e em cujo pedestal se lê a seguinte ins-
cripção que deve naturalmente ser palavras es-
criptas ou proferidas pelo mesmo personagem :
« *O Rheno, rio allemão e não fronteira da Alle-
manha; Deus assim nol-o deu e nós assim o guar-
daremos* ». E o olhar petrificado do geographo
patriota, procura no horisonte o paiz que começa
além do Luxemburgo.

N'essa mesma cidade cheia de uma vida toda
escolar, com as suas ruas e parques continuamente
invadidos pelos grupos alegres de estudantes em
folga, encontram-se a cada passo bellos caval-
heiros militares que na impecabilidade rigorosa e



decorativa do uniforme prussiano chamam a atenção do estrangeiro causando-lhe uma real e justa admiração.

São os officiaes de « Hussards do Rei Guilherme » o mais bello e mais completo regimento da cavallaria allemã, o qual depois da guerra de 1870 está de guarnição em Bonn.

Fracção gloriosa da Prussia guerreira, força de *élite* e de confiança desde os remotos tempos de Frederico o Grande, tendo sempre na lucta os postos de honra e de bravura, os « Hussards Reaes » são legendariamente conhecidos, e o seu estandarte tricolor dominado pela aguia negra, coberto de medalhas que relembram os mil combates e batalhas nas quaes tomou parte, é entusiasticamente saudado, quando á frente dos seus garbosos cavalleiros, desfila para as revistas e paradas de alguma festa official.

O grande Moltke, que no seu cerebro de estrategista immerito nunca achou tempo para discursar, consagrou entretanto, n'uma festa nacional organisada em Potsdam, a mais bella sau-



dação a esses guerreiros « que repelleram a impetuosidade do Gaulez e dominaram a selvageria do Cossaco ».

A nota mais sympathica d'esse admiravel regimento é a boa união e camaradagem que reina entre superiores e inferiores, officiaes e soldados, não fazendo isso obstaculo a uma disciplina fiel e religiosamente seguida nos seus minimos detalhes, a qual faz do militar prussiano o typo mais perfeito e correcto do soldado.

Quasi todos oriundos do norte, esses extraordinarios cavalleiros pareciam mais destinados a guarnecer os torreões dos couraçados imperiaes que a exercitarem-se continuamente nos mais difficeis passes da equitação. Sujeito a um longo e diario trabalho, o Hussard Real adquirio uma perfeição tal pelo lado practico e uma soberana e completa indifferença pelo lado aventureiro, que, verdadeiramente falando, não existe para esses homens a menor idéa de perigo, obstaculos ou impossibilidades de qualquer natureza.

As photographias instantaneas que acompa-



nham estas linhas, poderão dar ao leitor uma idéa real e precisa sobre estes curiosissimos exercicios que constituem a tarefa diaria d'esses destemidos cavalleiros.

As vastas planicies que se estendem nos arredores da cidade de Bonn, margeando as aguas pardacentas do Rheno, servem de campo ao desenvolvimento e ás manobras dos esquadrões que, envoltos n'um turbilhão de poeira, executam as mais bellas e brilhantes cargas de cavallaria. As mais altas trincheiras e as mais profundas vallas são obstaculos facilmente vencidos por essa massa compacta de uniformes azues que em um só mo-

fosse sempre garantido á cavallaria quer no ataque, na perseguição e mesmo nas retiradas. As enormes rampas dos caminhos de ferro, que se prolongam muitas vezes n'uma distancia de centenas de metros, cortadas em prodigiosa altura e terrivelmente ingremes, constituiriam por diversas occasiões, em momentos bem criticos de ataque ou defeza, um obstaculo impossivel a ser transposto.

Essa grande difficuldade é actualmente resolvida pelos ultimos e continuos exercicios a que são forçados todos os regimentos da cavallaria allemã sobresaindo d'entre elles os, « Hussards do Rei Guilherme que, sem maior exagero, representam



vimento, eleva-se e abaixa-se deixando rariissimas vezes no immenso rasto da cavallada um ou outro cavalleiro desmontado.

N'uma futura guerra europeá é um principio bem determinado que o principal papel caberá á artilharia encarregada de enfraquecer e desorganisar as forças do inimigo, vindo depois a infantaria e a cavallaria, sendo esta na maior parte das vezes encarregada do golpe supremo e decisivo. Para que este resultado final não encontrasse obstaculo algum, paralisando de qualquer modo a acção desse elemento de combate, tornava-se necessario que um caminho livre e desembaraçado

no exercito europeó um dos typos mais completos do cavalleiro militar.

Naturalmente que um paralelo não póde existir entre esses bellos montadores, producto de uma constante e severa disciplina, e as montarias vagabundas e beduinas dos Cossacos do Dom, dos Gaúchos dos pampas e dos *Cow-boys* da America, phantasistas e laçadores de profissão cheios de coragem e audacia, mas desprovidos de uma serria e necessaria organização, unico elemento capaz das grandes resistencias e dos bons resultados.

A QUINZENA POLITICA



CABA de deixar as costas da França a divisão naval que conduz o presidente Faure ao porto de Cronstadt e de lá á capital de Pedro o Grande. A cidade imperial veste-se de galas e deita luminarias procurando corresponder ás festas de Pariz, e o soberano autocrata de todas as Russias põe em movimento a sua faustuosa cõrte para receber o chefe democrata da França Republicana.

E bem curiosa e original essa visita, intercalada de brilhantes festas, grandiosas recepções e imponentes revistas, procurando ainda mais consolidar, se possível é, uma combinação politica que bem se pôde definir como uma verdadeira *alliança geographica*.

A situação actual da Europa, isto é depois da guerra de 1870, collocou a França e a Russia em uma natural obrigação de se entenderem a bem dos seus proprios e legitimos interesses. Essas duas nações, eram fatalmente forçadas a isolarem-se do accordo Europeo e por essa mesma razão coagidas a uma combinação qualquer que impozesse respeito, collocando-as assim ao abrigo de desagradaveis surpresas.

Na verdade a Russia, como potencia Europeá e Asiatica, não podia sem maior garantia aceitar um accordo com a Inglaterra, dominadora das Indias. As fronteiras do Afghan e do Turkestan impediriam todo e qualquer arranjo, e os incidentes de Herat, de alguns annos atraz, pondo os dous paizes a um passo da guerra, são uma prova completa d'essa impossibilidade.

Vizinha da Austria, dominou sempre entre São-Petersburgo e Vienna uma constante rivalidade e uma divergencia completa de vistas e de interesses, divergencia esta, alimentada pela questão do Oriente em geral e particularmente, pela influencia que se disputam sobre a peninsula Balkanica.

Entre a Prussia e o imperio moscovita existe de parte a parte um pronunciado e justo temor. O espirito militar e conquistador dos Hoenzollerns causou, em todos os tempos, uma natural desconfiança aos Romanoffs, e as fronteiras da Pomerania e da Silesia, da Volhynia e da Lituania estão po-

voadas de batalhões allemães e russos constantemente aquartelados, em pé de guerra.

A Italia, a Hespanha e os outros pequenos paizes da Europa não podiam offerecer as condições necessarias que exigem certas alianças.

Restava, pois, sómente, a França que, pelo seu lado se achava n'um completo isolamento, tendo deixado escapar a Austria, desprezando a Italia, e as outras nações latinas, disputando sempre com a Inglaterra nas possessões de ultra-mar e rompendo definitivamente com a mesma depois do bombardeio de Alexandria, seguido do protecto-

rado britannico no Egypto e finalmente inimiga irreconciliavel da Prussia, isto é da Allemanha, contra a qual prepara e espera com paciencia a desforra desejada.

Em condições taes, para um e outro paiz, uma aliança, mesmo defensiva, impunha-se, e o que parece mais extraordinario é que ella não tenha sido discutida logo depois da guerra de 1870.

Só quando Bismark, receando que os effectivos militares da Confederação Germanica não fossem sufficientes para repellir um ataque do vencidoda vespera, organisou a « *triplice* » dispondo de uma força colossal e formidavel de oito milhões de homens; só então é que São Petersburgo e Pariz, aterrados deante d'esse real espantallo, se apressaram em entrar n'um accordo qualquer.

O tão sympathico soberano Alexandre III, justamente denominado o monarcha da paz, foi o primeiro a dar a entender ao governo Francez a necessidade de um accordo a bem da tranquillidade europeá. Sadi Carnot, e com elle toda a nação franceza, receberam essas propostas como um verdadeiro dom do ceu, e tudo fizeram para desde logo consolidar a aliança salvadora. Cronstadt, Toulon, a visita imperial a Pariz e a visita presidencial a Petersburgo são as datas culminantes d'esse congraçamento que foram marcadas pelas mais brilhantes festas e pelas mais ruidosas manifestações. Não mais pertencem ao numero dos vivos os dois grandes organisadores da aliança franco-russa; Imperador e Presidente succubem na lucta como verdadeiros patriotas, o primeiro em pleno vigor e saúde é victimado por uma mo-



FÉLIX FAURE

Presidente da Republica Franceza.

lestia inesperada, o segundo, apunhalado por um fanático, cae mortalmente ferido, victima do dever até os seus ultimos momentos.

Que os seus successores, inspirando-se em tão dignos exemplos, saibam continual-a e engrandecel-a para maior felicidade dos seus povos.

O imperio dos Nippons, reconstituído e elevado á cathogoria de potencia de primeira ordem, não quer deixar passar com as facilidades que esperava a ingenuidade do Snr Mac-Kinley, a famosa annexação do Hawaí.

Se bem que ainda não votada pelas camaras americanas, ella certamente será mais tarde em nome do amor proprio nacional comprometido deante de um facto *quasi* consummado e no qual recuar será deshonra. Esta é a original theoria das annexações, dos protectorados e de outras medidas que se assemelham, cuja maior difficuldade consiste em dar o primeiro passo.

O Japão, por seu lado, não se conforma nem aceita esse acto presidencial sem que condições bem vantajosas lhe sejam outorgadas. A maioria da população que habita o archipelago das ilhas Sandwichs é Japonesa e o mais forte commercio está nas mãos dos mesmos; querer arredal-os pela força é com certeza a peor das medidas e que será forçosamente repellida de igual modo.

Os Estados-Unidos, para eliminar sem maior trabalho esse elemento competidor contra o qual elles não podem concorrer, decretam com a maior sem cerimonia uma lei prohibindo a emmigração e o desembarque dos subditos do Mikado nos territorios expoliados á rainha Kamamalú.

O governo Japonez protesta energicamente fazendo declarar pelo seu ministro em Washington que, se tal medida é posta em practica, tres vasos de guerra da marinha imperial partirão para Honoloulou, a capital do reino, com ordens terminantes de proteger a liberdade de commercio e de movimento dos seus nacionaes. Deante de tão expressiva e civilisada linguagem, comprehende-se facilmente que a tal lei não fosse posta em execução, e Leopoldo II, rei da Belgica, se encarregará da arbitragem dando razão a quem de direito.

O marquez de Ito, notavel estadista Japonez e um dos organisadores e directores da gloriosa campanha contra a China, actualmente na Europa, declarou a um redactor de um dos grandes jornaes Londrinos que vinha em missão de seu governo fazer conhecer aos gabinetes europeus a *originalidade* de proceder dos Americanos. Que o seu paiz, preparado para todas as eventualidades, não estava disposto a aceitar o modo pelo qual os Estados-Unidos entendem administrar o ex-reino de Hawaí.

O «New-York-Herald» um dos maiores e mais poderosos jornaes americanos, publicou ultimamente um criteriosissimo artigo aconselhando ao seu governo que abandonasse essa perigosa orientação politica com relação ás questões estrangeiras e, continúa o mesmo, «depois de irritarmos profundamente a Hespanha, procuramos sob qualquer pretexto chicanas com a Inglaterra e presentemente provocamos o Japão que repelle com altivez, accetando todas as consequencias». A grande republica-americana, se bem que forte e poderosa, reflectirá naturalmente n'esses prudentes e sabios conselhos.

O numero dos descontentes começando a augmentar é bem possivel que o Snr Mac-Kinley e o seu secretario d'Estado, procurem pôr um termo á essas manifestações bellicosas e sem razão de ser da parte de um paiz que, antes de tudo, é puramente commercial.



O MIKADO
Imperador do Japão.

A viagem do Imperador d'Allemanha á côrte da Russia é geralmente considerada como um acto de pura cortezia e das boas relações que entretêm as duas casas imperiaes.

Guilherme II apressou-se em tomar a deanteira, precedendo a viagem do Snr Felix Faure de alguns dias, tendo assim o prazer de inaugurar a serie de festejos que a capital russa consagrará sem interrupção ao Imperador e ao Presidente.

A imprensa europêa espera, entretanto, que sua Magestade de volta de São Petersburgo intervirá de pleno accordo com as potencias para a conclusão definitiva da paz no oriente, e que a Turquia, desilludida de toda e qualquer protecção, se submetta completamente á decisão dos embaixadores.

M. BOTELHO.

EM BALÃO AO POLO-NORTE

No nosso ultimo numero demos, no *Noticiario Illustrado*, o retrato do engenheiro sueco André, e dissemos algumas palavras sobre a arriscada expedição que elle e seus companheiros emprehendiam n'este momento. Mais de um mez é decor-

verdadeira obra-prima como construcção; André é um destemido e experimentado aereonauta; os seus dois companheiros — Fraenkel e Strindberg, são de uma competencia e de um sangue frio a toda a prova; quando a *Aguia* partio, um vento propicio levou-a brandamente para o norte, e desde então nenhuma tempestade ou inesperada perturbação foi signalada na athmosphera boreal.

Além d'isso, os aereonautas tomaram todas as precauções possiveis. A sua barquinha é insubmergivel, confortavel e guarnecida de todos os instrumentos, armas e apparatus necessarios para o caso em que André e os seus companheiros sejam obrigados a invernaem sobre os gelos. Os mantimentos não faltarão durante seis mezes ou mais.

É, pois, provavel que um dia proximo, d'um ponto ou outro das terras habitadas que circundam a calote polar chegue uma noticia de feliz regresso.

* * *



Strindberg

André.

Fraenkel.

rido depois que os arrojados aereonautas partiram no seu balão, do Spitzberg, e até hoje nenhuma noticia veio tranquillizar os amigos e numerosos admiradores, que de todos os pontos do globo seguem, com o pensamento, a perigosa viagem da *Aguia*.

Que pensar?

Os organizadores da expedição, muitos d'elles conhecedores provados das regiões arcticas, mostram-se relativamente confiados e serenos. O balão parece ser uma

Immediatamente, os operarios suecos construíram o colossal edificio de madeira onde em breve o balão se enche, toma uma fôrma, se eleva, procurando já subir na athmosphera clara e fria.

Entretanto, André e os seus companheiros — no numero dos quaes se deve contar Svedenborg, um não menos corajoso aereonauta que até á ultima hora esteve prompto a partir, no caso que um dos outros adocesse — preparavam a barquinha, uma verdadeira habitação



O balão « A Águia » partindo de Spitzberg.

aerea, onde nada faltava, desde os beliches até á cozinha e onde se arrumavam engenhosamente um numero infindo de coisas necessarias, longamente estudadas e sabiamente construidas para servirem n'esta primeira viagem aerea atravez do espaço glacial-arctico.

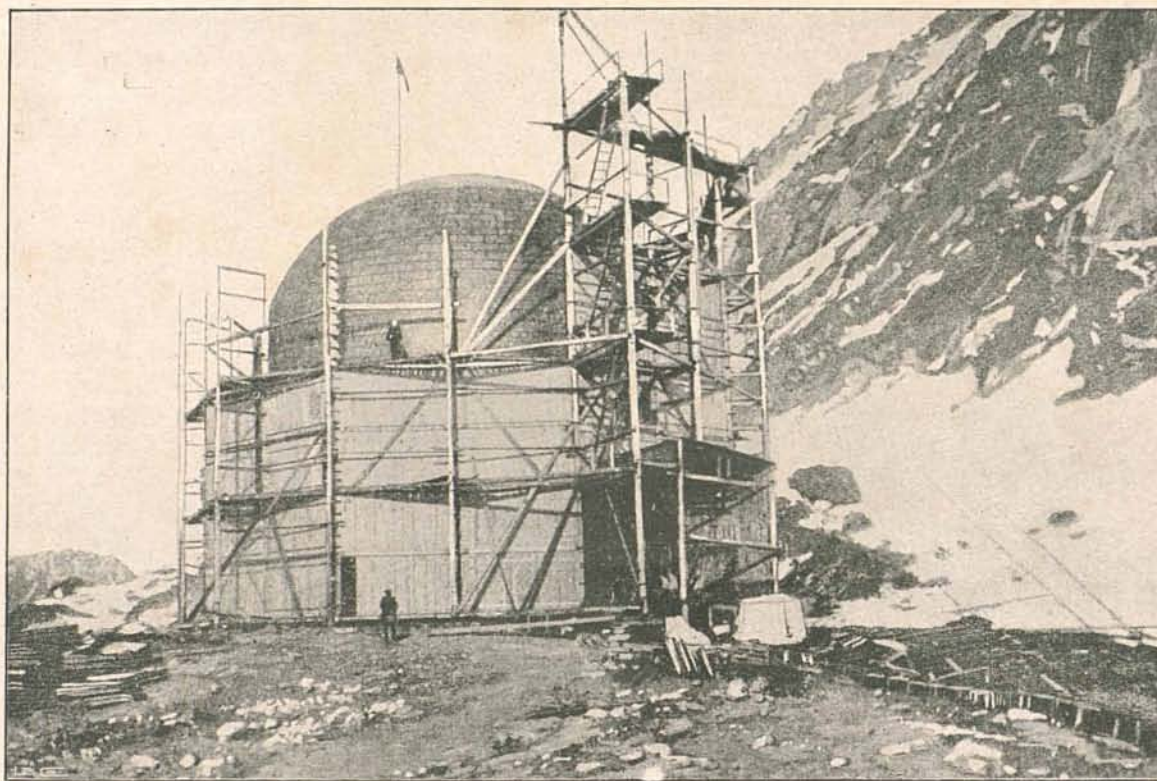
Quando todos os preparativos estiveram terminados e enquanto o vento favoravel não vinha, os operarios constructores do balão procederam a curiosas experiencias para verificar se não havia nenhuma perda de gaz, subindo para esse fim sobre o balão, n'uma gymnastica difficil e perigosa, e collocando, sobre as costuras do envulucro, bandas de estofa impregnadas de acetato de chumbo

á S. M. o rei da Suecia, outra aos seus compatriotas e amigos.

Esta ultima era n'estes termos :

« Em conformidade com a nossa decisão anterior, começamos no domingo 11 de julho de 1897 ás 10 horas 35 minutos, os preparativos da nossa ascensão, e n'este momento, ás duas horas e meia da tarde, estamos promptos a partir.

« Seremos provavelmente impellidos na direcção Nord-Noroeste, e esperamos assim chegar pouco a pouco a regiões onde o vento nos seja mais favoravel. Em meu



O balão « A Águia » esperando ventos favoraveis.

o qual ennegrece, como se sabe, ao menor contacto do hydrogenio sulfurado. Esta custosa operação teve uma incontestavel utilidade, pois permittiu reconhecer varias fugas do gaz, as quaes embora pequenas tinham uma certa gravidade n'este caso particular de um balão devendo permanecer no espaço o maior numero de dias possivel.

Emfim, no dia 11 de julho proximo passado, como o vento estivesse firme na direcção do norte e as condições athmosphericas favoraveis, André deu a ordem da partida, e, no momento de subir á barquinha, redigiu duas mensagens de despedida e reconhecimento, uma

nome e no de todos os meus camaradas, envio a nossa saudação mais calorosa, aos amigos e á patria.

« ANDRÉE. »

Momentos depois *A Águia* subia magestosamente nos espaços e dirigia-se para o norte com uma velocidade de 35 kilometros á hora, enquanto do *Sveusksund* todos os que tinham collaborado a esta audaciosa empreza enviavam um commovido adeus aos tres aereonautas e procuravam seguir, com o humido olhar, o pequenino ponto negro que no horizonte luminoso fugia, fugia e desaparecia em breve.

L. S.



NOTICIARIO ILLUSTRADO

O DUELLO ENTRE O PRINCIPE D'ORLÉANS.
E O CONDE DE TURIM

O PRINCIPE Henrique d'Orléans, visitando ultimamente a Abyssinia, mandou para o *Figaro* certas correspondencias em que a attitude dos soldados italianos, na desgraçada campanha de ha dois annos, era apreciada de um modo particularmente desagradavel.

O exercito italiano respondeu por um justificado impeto de colera. As cartas de ameaças e os carteis de desafio innumeraveis vieram ao encontro do principe, já então em viagem para a Europa. O general Albertone, o tenente Pini, o capitão Fraga, todos emfim



O principe Henrique d'Orléans.

queriam lavar pelo sangue o insulto feito á sua coragem e ao seu patriotismo.

À ultima hora, porem, o conde de Turim, segundo filho de Amadeu, duque de Aosta e rei de Hespanha — enviou as suas testemunhas ao principe d'Orléans que accitou naturalmente o desafio.

Eis a acta d'este sensacional duello :

« Em conformidade com a acta de 14 de agosto de 1897, o encontro decidido entre S. A. R. Msr. o principe d'Orléans e S. A. R. Msr. o conde do Turim, teve logar ás 5 horas da manhã no bosque de Vaucresson no sitio chamado o Bosque dos Marechaes.

« O combate durou vinte seis minutos, em cinco



O Conde de Turim.

ataques, dirigidos alternativamente pelo conde de Léontief e pelo conde Avogadro.

« Ao primeiro ataque S. A. R. o principe d'Orléans, foi tocado na região peitoral d'um golpe de espada, não parecendo exceder o tecido cellular sub-cutaneo.

Segundo a opinião dos medicos, as testemunhas decidiram a continuação do combate.

« O segundo ataque foi interrompido por causa d'um corpo a corpo.

« Ao terceiro ataque S. A. R. o conde de Turim foi tocado na face dorsal da mão direita por um golpe não excedendo o tecido cellular sub-cutaneo.



General Albertone.

« Ao quarto o director do combate constatou que a espada do principe d'Orléans tinha a ponta romba.

« Ao quinto ataque, em seguida a um corpo-a-corpo immediatamente reprimido, o principe d'Orléans tendo recebido um golpe de espada na parte inferior direita do abdomen, o director do combate fez cessar o ataque.

« Depois de terem verificado e examinado a ferida, os medicos das duas partes tendo reconhecido que esta punha o principe Henrique em manifestas condicções d'inferioridade, os Snrs. de Léontieff e Mourichon propozeram o fim do combate que foi terminado de commum accordo.

« Depois do duello, e durante o tratamento da ferida, S. A. o principe Henrique, erguendo-se, estendeu a mão a S. A. R. o conde de Turim e disse-lhe :

« Permitta-me, Monsenhor, que vous aperte a mão.

O conde de Turim apertou a mão do principe.

« Feito em Vauresson, no Bosque dos Marechaes, a 15 de agosto de 1897.

« Por S. A. R. Msr. o principe Henrique,

« CONDE NICOLAU DE LÉONTIEFF.

« RAOUL MOURICHON.

« Por S. A. R. Msr. o Conde de Turim,

« CORONEL AVOGADRO DI QUINTO FELICE.

« FRANÇOIS VICINO PALAVICINO.

Perante o resultado d'este duello, o general Albertone retirou o seu cartel.

UMA EXPEDIÇÃO AO POLO SUL

O RETRATO que junto publicamos é o do capitão de navios M. de Gerlache, antigo official da marinha belga e commandante da expedição antarctica que a 16 do corrente partiu de Anvers em demanda do Polo Sul.

Na opinião de todos os especialistas d'esta sorte de



O Capitão de Gerlache.

emprehndimentos, a expedição que n'este momento leva a seu bordo a barca a vapor *Belgica* é uma das que melhor têm sido organisadas e mais sabiamente conduzidas.

Não foi sem difficuldades nem corajosas luctas que a energia de Gerlache venceu por fim a apathia e indifferença com que o seu paiz acolheu a sua idéa.

Havia mais de tres annos que a *Belgica* devia partir e não partia falta de recursos e apoio moral, e contudo a somma necessaria não excedia 60 contos de réis.

O fim d'esta viagem de descoberta é não só approximar-se o mais possivel do Polo geographico, mas tambem procurar trazer a maior quantidade possivel de estudos locaes, sobre o clima, a fauna, e emfim tudo o que d'essas regiões póde interessar á sciencia e á navegação.

A expedição durará dois annos.

A *Belgica* fará a sua primeira escala em Santa Cruz das Palmas, uma outra em Montevideo e emfim uma ultima em Puntas-Arenas, no estreito do Magalhães. D'ahi o navio belga avançará até aonde possa mais ao Sul e desembarcará sobre os gelos o capitão Gerlache e quatro companheiros, que invernarão avançando para o polo, enquanto a *Belgica* fará durante esse tempo travessias, pescas, reconhecimentos, etc., voltando a buscar os audazes exploradores no fim d'um certo tempo.

O ASSASSINO DE CANOVAS

No dia 8 do corrente, em Santa-Agueda, Canovas del Castillo, primeiro ministro de Hespanha, lia tranquillamente sentado n'um banco da galeria do hotel,



Miguel Angiolillo.

onde tinha vindo repousar-se das pesadas fadigas do poder, quando um individuo se approximou como para o cumprimentar e lhe descarregou á queima-roupa tres

tiros de revolver. O ministro caiu mortalmente ferido, tendo tido apenas o tempo de afirmar, por um derradeiro grito de — *Viva a Hespanha!* — o acrysolado amor patrio que fôra a aspiração e ao mesmo tempo a força da sua illustre existencia.

O assassino, um homem novo, de aspecto correcto e intelligente, não procurou fugir nem oppoz a menor resistencia ás pessoas que, tendo accorrido, o prenderam e maltrataram.

Para explicar o seu terrivel crime, o assassino disse ser anarchista, ter sido designado pela sorte para matar Canovas e vingar assim os seus companheiros executados e martyrisados em Barcelona.

Deferido a um conselho da guerra, este fanatico foi julgado, condemnado e executado pelo garrote.

Chamava-se Miguel Angiolillo, era italiano, e tinha 28 annos.

A TELEGRAPHIA SEM FIOS

QUEM não tem ouvido fallar n'este grande problema de electricidade : a telegraphia sem fios conductores?

Edison, em tempos, occupou-se, ao que parece, d'esta interessante questão, mas os seus esforços não foram coroados de successo.

Um jovem e intelligente inventor, o Sr. Marconi, cujo retrato acompanha esta noticia, foi, segundo dizem, mais feliz, e as experiencias que com o seu apparelho foram realisadas em Inglaterra — na planicie de Salisbury e no canal de Bristol — deram resultados de tal modo satisfactorios que o Sr. Preece, uma das notabilidades do mundo scientifico britannico, facilitou e ajudou pela sua authoridade a formação de uma grande companhia que vae explorar industrialmente a descoberta do Sr. Marconi.

Quaes serão os resultados practicos d'esta tentativa? A julgar pelas affirmações e esperanças do inventor, a sua descoberta não teria só uma applicação na transmissão dos signaes telegraphicos, mas poderia tambem, em certos casos, servir á emissão de effluvios electricos, de uma natureza especial, capazes de exercer sobre apparelhos electricos distantes uma influencia aproveitavel.



G. Marconi.

O sr. Marconi falla, por exemplo, na possibilidade de communicar o fogo a um navio inimigo, etc. ; mas como o seu apparelho é ainda um segredo e as suas disposições desconhecidas, é impossivel avaliar o alcance d'esta affirmação.

Em todo o caso a invenção do jovem italiano tem de certo bastante valor, pois conseguiu occupar n'estes ultimos tempos os espiritos cultivados mas pouco entusiasmados dos sabios inglezes.



SPORT

Agora que, brevemente, começam as grandes caçadas na Europa, pareceu-nos curioso dar aos nossos leitores a reprodução d'estas bellas gravuras cynegeticas :

As duas primeiras são photographias instantaneas tiradas durante uma partida de caça no castello de *Wildenborg* onde todos os annos se fazem consideraveis montarias e partidas de caça, e onde se reúne uma das melhores sociedades cynegeticas belgas.

Esta sociedade, verdadeiramente selecta, e fundada ha muitos annos, celebra annualmente a festa de Santo Huberto, por uma grande caçada à lebre e por um magnifico banquete dado no sumptuoso castello de que damos a photographia.

* * *

A outra estampa, reproducção de um bello desenho de Grimm, inserimol-a unicamente como lembrança saudosa das esplendidas caçadas de Chantilly

e do grande homem de *Sport* que foi o Duque d'Aumale.

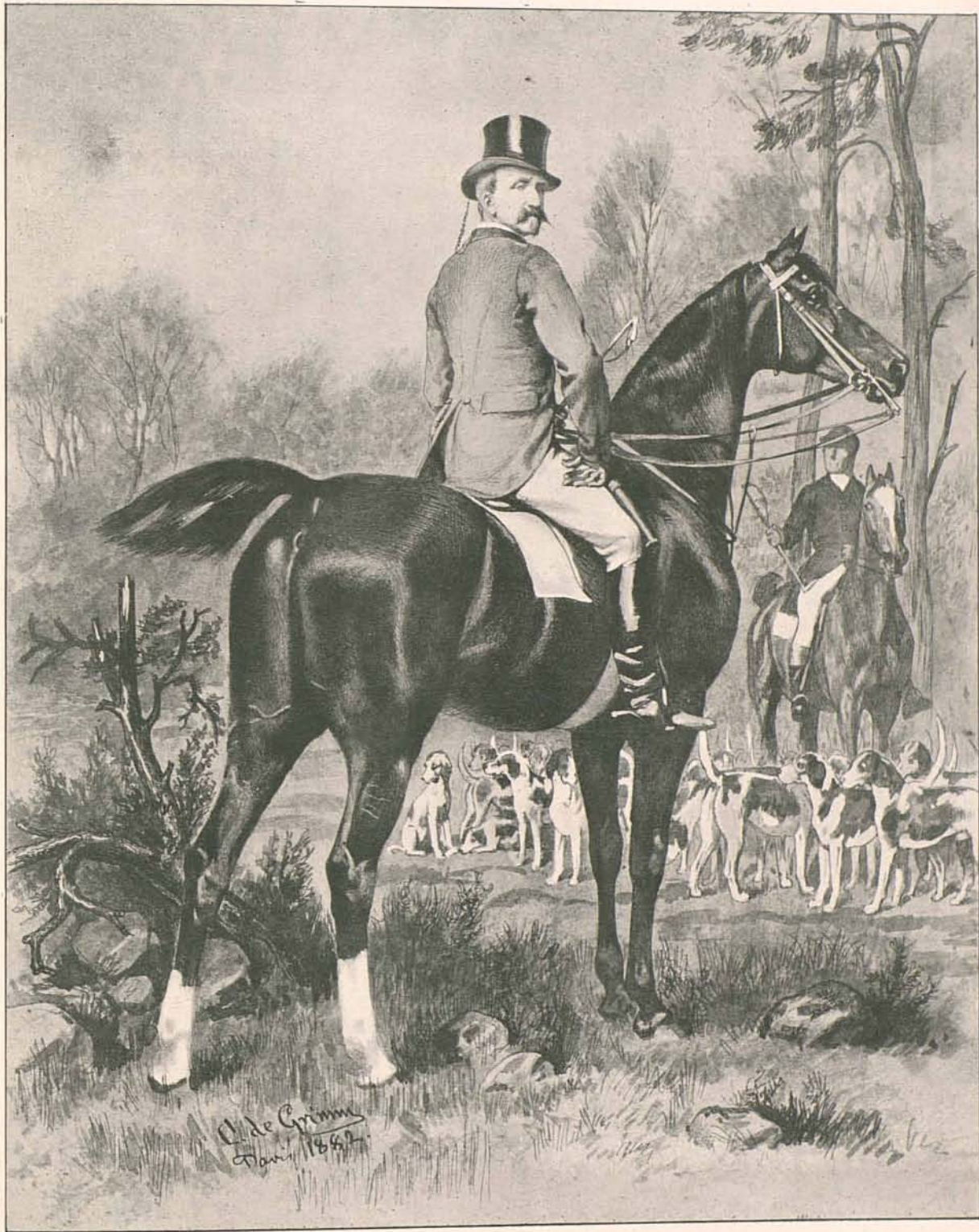
S. MARCELLO.



O Castello de Wildenborg.

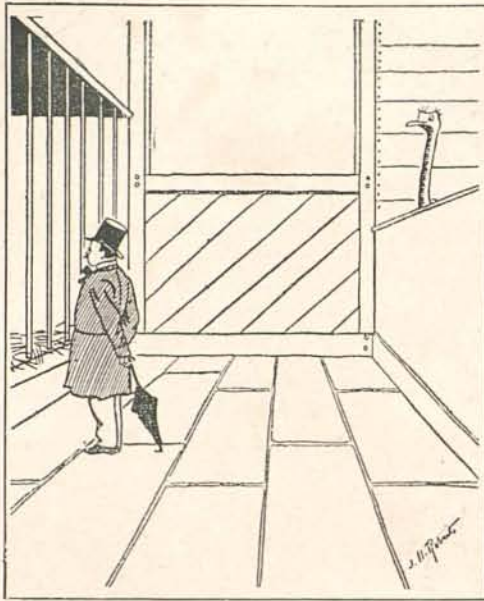


A Sociedade Rallye-Oostcamp. — Depois do Hallali.

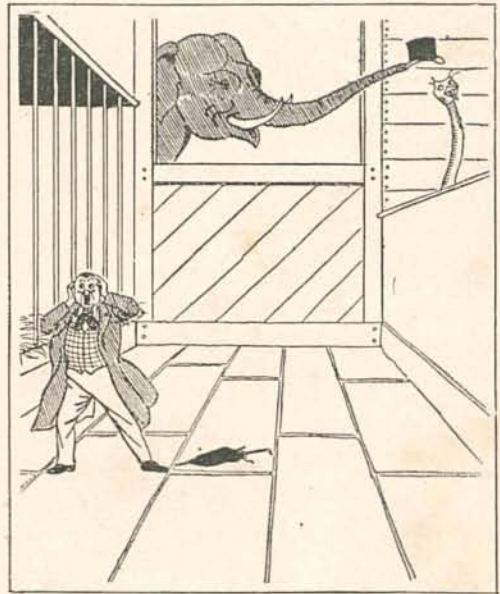


O DUQUE D'AUMALE E A SUA MATILHA DE CAÇA

PAGINA COMICA



1



3



2



4

TIRE O SEU CHAPEO SE FAZ FAVOR

29 e 31

Passage Jouffroy

PARIS



29 e 31

Passage Jouffroy

PARIS

AU ROI D'YVETOT

GUILLAUMOT

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1889

Casa especial de Roupa Branca para homens

GRANDE SORTIMENTO DE

Camizas - Gravatas - Meias - Ceroulas e Camizas de Meia
Luvras - Lenços - etc.

CASA AMME

ARMAND

SUCCESSOR

6, rue de la Chaussée-d'Antin, 6

PARIS

VESTIDOS E MANTOS
PELLES

ARTIGOS DE FANTASIA
PARA SENHORAS

ENXOVAES
ROUPA BRANCA



Esta casa é principalmente conhecida por vender artigos de muito gosto e por possuir como freguezia a alta sociedade espanhola e americana.



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL	FRANÇA e outros paizes da União Postal.	PORTUGAL
Um anno. 50 \$ 000	Um anno 40 francos	Um anno 10 \$ 000
6 mezes 30 \$ 000	6 mezes 24 »	6 mezes 5 \$ 500
Numero avulso. 2 \$ 500	Numero avulso. 2 »	Numero avulso. 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro	LAEMMERT E C ^{ia} , Rua do Ouvidor.
São Paulo	CASA GARRAUX, Rua de 15 Novembro.
Pernambuco	LAEMMERT E C ^{ia} , Rua Marquez de Olinda.
Pará	LIVRARIA COMMERCIAL, Rua João Alfredo.
Pelotas	CARLOS PINTO E C ^{ia} .
Santos	WEINMANN ET C ^{ia} .
Campinas	LIVRARIA ESCOLAR.
Ceará	ALFREDO GENOUX. JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.

PORTUGAL

A REVISTA MODERNA assigna-se e vende-se nas principaes livrarias de Lisboa Porto e Coimbra e na Agencia Geral — Travessa Nova de S. Domingos 42-3^o, Lisboa.

PARIS

Escriptorio e Administração
48, rue de Laborde
LIBRAIRIE NOUVELLE
Boulevard des Italiens

LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C^{ia}
11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A REVISTA MODERNA acaba de obter do imminente escriptor EÇA DE QUEIROZ, o direito de publicação de um grande romance inedito :

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PADRE AMARO, dos MAIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

Muito brevemente, pois, a REVISTA MODERNA começará a publicação — com numerosas e ricas illustrações — do grande romance :

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

POR

EÇA DE QUEIROZ